

94

O PATRIOTA,
JORNAL LITTERARIO,
POLITICO, MERCANTIL, &c.

DO

RIO DE JANEIRO.

*Eu desta gloria só fico contente,
Que a minha terra ame, e a minha gente.*
Ferreira.

SEGUNDA SUBSCRIPÇÃO.

N. 3.º

SETEMBRO.

Reservado da	Seção
Biblioteca Nacional	

RIO DE JANEIRO.
NA IMPRESSÃO REGIA.

1818.

Com Licença.

*Vende-se na Loja de Paulo Martin, filho, na
rua da Quitanda, n.º 34, por 800 reis. Na mesma
se subscreeve a 4000 reis por semestre.*

(3)



MINERALOGIA.

Fin da Memoria do Desembargador Joze Bonifacio de Andrade, continuada do N.º antecedente, pag. 21.

Minas de carvão de pedra do Porto e suas pertencas.

DUAS leguas ao Nascente do Porto, e huma para o Norte do Rio Douro, ficão estas minas na freguezia de S. Pedro da Cova. Por ordem minha, expedida em 28 de Junho de 1802 ao Bacharel José Jacinto de Souza, hoje Inspector Economico, foi este ao lugar da Ervedosa fazer os primeiros sucavoens de pesquisa, onde se descobrio bastante carvão, e se tirou algum, que depois pela sua qualidade pouco combustivel se abandonou, continuando-se em novas pesquisas na Quinta de Vallinhas, e no passal do Abade de S. Pedro da Cova, onde se descobrio o excellente carvão, que hoje se extrahê: em 1803 para o costeo deites trabalhos adiantei eu 2000 reis, e depois pedi emprestados a hum Negociante patriota 5000 reis, com que se forão costecendo estes primeiros trabalhos sem a menor despeza da Real Fazenda.

Sobrevindo a fatal suspensão das Minas em Janeiro de 1804, aproveitou-se da tempestade, que ameaçava de todo arruinar estes estabelecimentos o dito Abade de S. Pedro da Cova, e por empenhos pôde obter obrepticia e subrepticamente huma Provisão illegal, a que se seguiu depois hum Decreto, em que se lhe dava a commissão da Mina do Passal; mas rasando no horizonte metallurgico de Portugal mais benigna estrella, revogárão-se estes actos, e foi incorporada a Mina do Passal ás outras Reaes.

Em Outubro de 1804 comecei a dar forma regular aos trabalhos destas Minas, empregando dois Directores Allemaens, que não tinham em que occupar-se; e como era preciso então construir huma casa de residencia, e hum armazem em Gramido, apontar ferramentas e atrezos para huma lavoura regular, e abrir poços de extracção e galerias de esgoto, requeri alguns subsídios pecuniarios da Direcção da Fabrica das Sedas, que se me subministraro por mezadas de 4000 reis.

Desde este tempo até o de 1807 se venderão 15834 carros de carvão de pedra de diversas sortes e preços pelo valor de 800, 1200, até 1600 reis cada hum, á boca da Mina: se a esta quantia acrescentarmos 13558, que se venderão no Porto desde 1808 até Junho de 1809, teremos de somma total de carvão vendido 29392 carros, que importão perto de 40 contos pelo preço da Mina, da qual recebo em pagamento a Real Fabrica das Sedas pelo valor de 2:287:320 reis, como consta das facturas dos embarques. Este numero de carros vendidos em Portugal fazem em pipa perto de 2940, que escusarão a entrada de outro igual numero de carvão inglez, que calculando sómente a 400 reis a pipa, importarão 117:6000 reis, que nos terão levado para fora do Reino. E que utilidades não tirarão os particulares? Os donos das forjas lucrão a differença de preço do nosso carvão ao Inglez pelo menos 200 reis por carro: de mais no inverno de 1803 para 1804, em que houve falta quasi absoluta de carvão Inglez, de maneira que subio a 960 reis e mais a pipa, tiverão os senhores das forjas e fabricas de ferrages carvão baratissimo para continuarem os seus trabalhos. Pela introducção successiva do nosso carvão nas cozinhas daquelle districto, pouparão os moradores dois terços das despesas, que fazião em carvão de pão e lenhas, não fallando do melhor commodo e as-

seio do nosso carvão de pedra, que não tem fumo, nem máo cheiro. A agricultura do districto ganhou consideravelmente, porque 18 mil carros, que pouco mais ou menos se gastarão em todo este tempo, pouparão pelo menos 54 mil carzadas de lenha, que precisão de outros tantos carros-com-juntas de bois, e seu lavrador para a sua condução, os quaes se empregarão em outros trabalhos uteis de lavoura; e por consequencia diminuirão igualmente o numero de braços estrangeiros, que nos vem de Galliza para os trabalhos ruzas, e que nos levão o dinheiro, pois que huma junta de bois com o seu respectivo lavrador faz em lavoura o serviço pelo menos de 16 homens por dia. De mais os bosques e matos forão poupados em grande parte, e podem augmentar e crescer.

Se este unico estabelecimento tem trazido a Portugal tanto proveito, que utilidade nos não promettem os multiplicados e vastos depositos de carvão de pedra, que encerra o nosso terreno, se os quisermos aproveitar devidamente, e não desmaiarmos logo no começo da empreza, segundo o nosso velho e desgraçado costume?

Além das duas minas hoje lavradas na freguezia de S. Pedro da Cova, temos novamente começada huma pesquisa na Serra do Covelo junto ao Douro no lugar de Guindas, que promete bastante; pois já se tem encontrado hum veio possante de 3 palmos de excellent carvão.

Para o Sul do Covelo descobrio-se huma rica mina de antimonio, que na superficie ao dia já tem 7 pollegadas de grossura, e consta de antimonio grosso, e cal de antimonio esbranquiçada e amarella. Para se descobrir e pesquisar este veio mandei fazer huma galeria, que já tem 11 braças de comprido, e se continuará até o veio, logo que houver mais dinheiro. Deste veio a 70 braças de distancia na direcção do tecto corre outro paralelo

do mesmo metal, cuja possança e natureza particular ainda não está examinada por falta da devida pesquisa. Tenho esperanças bem fundadas, que com este metal se encontrará talvez prata ou ouro, como succede em outros paizes.

Portugal he muito rico em antimónio, porque, alem destes dois veios de Covelo, o ha tambem em Alfena, não longe do Porto, e em huma abundancia incrível em Lamas de Orelhão ao pé de Mirandella na Provincia de Traz os Montes, de que tenho bellas amostras, assim como em Villar Chão, e termo de Mogadouro na mesma provincia, e em Murça na Beira.

Visitando em 1804 as vastas escavaçoens antigas da serra de Santa Justa, ao pé de Valongo, em que os Romanos trabalháro por mais de 500 annos, admirei a extensão destas obras, e assentei comigo que este veio mineral dava ainda muito grandes esperanças de huma lavra rendosa, visto que os Romanos não podião lavar senão minas ricas pela falta de conhecimentos scientificos de metallurgia, falta de instrumentos proprios, que hoje temos, de machinas de extracção e esgoto, e pela ignorancia da economia de minas trabalhadas por escravos desleixados e grosseiros. Demais em todas as minas antigas, que observei os seus trabalhos de Hungria e Transilvania, e que hoje estão de novo em lavra rendosa, não passávo os seus trabalhos de escavação abaixo da galaria principal de esgoto, ficando intacta toda a communicação do veio para o fundo, como tambem succedeo nesta mina de Santa Justa. A pezar das circumstancias calamitosas do tempo, e falta de cabeceas, arrojé-me todavia a mandar desentulhar a galaria de esgoto antiga, por 160 braças, até chegar ao veio, que já está feito; e por causa de grandes penedos, que impedem a continuação deste desentulho, mandei principiar huma galaria de rodicio, que já tem huma

braça de comprido; e tem custado trabalho por serem as matrizes quartzosas, e muy difficis de ganhar. Nós podemos aproveitar todos os trabalhos preliminares, e de soccorro dos antigos, que existem, como da galaria, e poços de extracção, e ventilação, sem novas despezas. Dois pedaços de mineral, que se ganharão, fiz os devidos ensaios no Laboratorio metallurgico da Universidade, dividindo-os em tres sortes, segundo a sua riqueza. A mais pobre deu por 100 lib. de chumbo 5 onças e 4 oitavas, e alguns grãos de prata; outra mais rica pelo mesmo pezo de chumbo 8 onças e 13 oitavas e alguns grãos de prata; e a ultima e a 3.^a forte, que não continha chumbo, mas era de prata negra ferruginosa, deu acima de tres marcos e 2 onças de prata; e todavia ainda não sabemos tudo o que contem o veio em achados ricos.

Além destes jazigos mineras, de que tenho fallado, pôde-se tambem ganhar com muito proveito pedra hume, e caparrosa, de que muito abundão estas minas de carvão. Igualmente descobrio-se no sitio do Lodeiro, pouco distante das ditas minas, hum banco de argilla pura porcellanica, muito branca e pura, que se pôde aproveitar com muita utilidade em cadilhos, e outras obras, de que tanto precisamos. Assim só neste circunscripto termo do Porto, pôde-se, havendo zelo e actividade, fazer huma mineração muito extensa e proveitosa.

Para o costeo das minas do Porto, se não cuidarmos no mais, que apontei, não se precisão avanços nenhuns pecuniatos do Estado, pois que ellas se lavrarão a si mesmas, e dão avanços para os outros estabelecimentos, e só precisamos das providencias pedidas para a Mina de Buarcos, para podermos dar sahida e consumo ao grande numero de pipas de carvão miudo, que se acha desaproveitado, e a perder-se nas ciras, e dentro das escavaçoens das minas. Lembro sómente de novo: 1.^o

que se deve promover o transporte do carvão para o Alto Douro, onde há tanta falta de lenha, escrivendo-se, e recomendando-se aos Corregedores, e Juizes de Fôra este negocio, estabelecendo-se huma tarefa arrasoadá e fixa dos fretes das barcas do Alto Douro, que trazem os vinhos para o Porto, e voltão vasias, e podem levar carvão: 2.^o Que o Governador das Justiças obrigue aos donos das fabricas de ferragens, e aos Juizes do Officio de Ferreiro, a que usem ao menos de hum terço do nosso carvão miúdo do Porto, misturando-o com o grosso de Buarcos, ou com o Inglez: 3.^o Finalmente que se não dê licença a particulares a levantarem de novo fornos de cal, de telha, e tijolo, sem serem construidos á Ingleza para o uso do carvão de pedra, para o que darei os riscos e instruções necessarias.

Creio ter satisfeito ao que de mim se exigia, apontando o estado de cada hum dos estabelecimentos, as utilidades certas, que promette, as economias que se podem fazer, as novas providencias que são necessarias; e os cabedades, de que preciso para o seu costeo, em quanto não tem fundos proprios para o seu trafico e costeo particular.

(No resto da Memoria insiste na importancia de que seria o auxilio do Governo para costear aquellos estabelecimentos, e caso seja impossivel este expediente, ou se abra hum emprestimo de 60 mil cruzados a 8 por cento de juro com a hypotheca dos mesmos estabelecimentos, ou erijão-se Companhias mineræes, como se pratica em toda a Allermanha, Hungria, e Reinos do Norte.)

Lisboa 8 de Novembro de 1809.

Doutor José Bonifacio de Andrade e Silva.

NAVEGAÇÃO.

Reflexões sobre as derrotas de estima, e suas correções, continuadas de N.º 6. pag. 58

Importaria pouco saber quanto se anda, se a este conhecimento não acompanhasse o da direcção. Muitos Seculos se ignorou a maneira de obtê-lo, e a Colombo se deve a preciosa descoberta de empregar a agulha tocada no imán, cujas propriedades parecem ignoradas até o Seculo 15.^o Para fazer huma obra digna da attenção dos Sabios, deveria eu agora expor a theoria do fluido magnetico, inculcar a sua analogia com o electrico; equiparar a divisão de magnetismo austral e boreal com a de electricidade vitrea e resinosa; e ostentar huma instrução inutil. Mas o Piloto, que com poucos conhecimentos theoreticos, precisa que lhe ensinem quasi rotineiramente o modo, com que aperfeiçoe a sua profissão, ignoraria inteiramente o uso da minha Memoria, e praguejaria o tempo, que consumo em lê-la.

Portanto abrindo mão de apparatus expressões, que valerão menos do que huma pagina de Haüy, eu encararei só o que pôde ser util a simplices praticos, limitando-me a esta classe de homens, cujos conhecimentos, ao nivel dos meus, os poem ao alcance das minhas idéas.

A figura, que se deve dar a agulha de aço, a que se ha de communicar o fluido magnetico, tem sido objecto de estereis indagações. Deixando as opiniões de Coulomb, la Hire, e de outros, creio que se he preferivel a de M. Du Hamel, que lhe dá a fórma de hum parallelogramo terminado em pontas muito obtusas, ou, como se explica Blondel, laminas pouco espessas, que rematão em ponta á maneira de folha de louro, e com effeito he destas que geralmente se usa.

Não fallarei do modo de communicar o magnetismo: elle se acha claramente explicado no excellente Tratado de Physica, traduzido para uso da Academia Real Militar, numeros 570 e seguintes, que o Lector curioso não deixará de consultar. Alli se achará igualmente (n. 579) a exposição de hum phenomeno notavel, que tem o nome de inclinação.

Estando pois a agulha tocada, ou participante do magnetismo, se lhe sobre-poem hum circulo de cartão, ou de faia, dividido 1.^o em quatro partes iguaes, que tem o nome de quadrantes, e os pontos da circumferencia, em que terminão as linhas divisorias, tem o nome de pontos cardiaes. Sabe-se que estes quadrantes se dividem em 2, e cada ponto de divisão se diz hum rumo, o qual ainda se subdivide em meios rumos, e cada hum destes em quartas. Vê-se que a numeração binaria foi a seguida neste processo, e que seria facil substituir-lhe outra qualquer. Delambre, querendo introduzir a divisão decimal, propoem ,, deixar com effeito ao timoneiro a rosa dos ventos dividida em 32 rumos com os nomes consagrados por hum uso tão antigo como universal: mas na marcação das rumos, conservar-se os quatro pontos cardiaes, e contar 100 graos de Norte ou Sul para Est ou para Oest: de sorte que a manobra e o governo conservarão nomes, com que se está familiarizado, e que será forçoso guardar para entender as outras nações, e fazer-se entender dellas: e entretanto o systema decimal regulará todas as operações, todos os calculos, que se conservarem nos Jornaes. ,,

Parece todavia que o circulo dividido em quartas offerece hum meio de avaliar muy grosseiramente os angulos. O intervalo de 11 graos e $\frac{1}{2}$ se julga desprezivel, e quando há maior exacção, metade daquelle angulo. He bem facil de ver que isto faria necessario admitir outra divisão em graos, e que os rumos fossem marcados, não em quartas;

mas naquellas partes da circumferencia. Sem embargo, isto, que na theorica he tão facil, na pratica encontra grandes difficuldades. Os timoneiros são tão ignorantes, que muitos não sabem ler, guio-se pelo desenho traçado sobre cada hum dos rumos, para o que se descrevem differentemente os rumos, meios rumos (vulgarmente meias partidas) e quartas, e enganar-se-hão a cada passo se houvessem de ler o n.^o de graos marcado na circumferencia da rosa dos ventos. Com effeito he para admirar o ponto de desleixo, a que se chega neste importante objecto. Eu vi assignar-se a hum timoneiro que seguisse a meia partida (ENE), e descuidando-se este do governo, e achando o navio aprobeado já além do NE, para reduzi-lo ao rumo que se lhe assignou, aproa-lo ao NNE; e dizer afoitamente está á meia partida (com hum erro apenas de 45^o). E quando as derrotas de estima tem elementos tão bem determinados, que muito que tenhamos erros consideraveis? Quem se poderá admitir de ver hums derrotas de Angola para este porto com 81 graos de erro? Eu o não crera, se não fosse mandado examina-la.

Mas para que ha carregar toda a culpa sobre o infeliz marinheiro, assaz acruvado com a sua sorte? O Piloto (quem dissera!) o Piloto mesmo he a causa de grandes omissoens. Quantas vezes, escasseando, ou alargando o vento, muda de rumo o navio, e no fim da hora, ou se assenta na pedra o rumo, que então seguiu o navio, ou, quando muito escrupulo há, se escreve o medio entre os dois extremos. E basta? Os primeiros elementos de calculo differencial mostrão que a differença de Latitude varia na razão da differença do rumo multiplicada pelo seu coseno; e a do apartamento como a differença negativa do rumo multiplicada pelo seno; e para que fosse permittivel esta supposição, seria necessario que os senos e cosenos dos arcos cresces-

sem ou decreasessem uniformemente, o que he manifestamente falso, e bastão as taboas para o mostrarem a quem não tiver outros meios de convencer-se. Porém para descer a bõm exemplo mais palpavel, supponhamos que o rumo variou em pequenas oscillações, e que se andarão as milhas seguintes 2 a ENE, 3 a NE₄E, 2 a NE₄N; neste caso tão favoravel, temos entre NE₄E e NE₄N; o medio NE, e entre este e ENE, NE₄E; logo este ultimo he o que tomaria o Piloto, e escreveria na pedra adiante deste rumo 8 milhas. As suas taboadinhas lhe darião $\frac{1}{4}$ para differença de latitude, e 6,7 para apartamento; em quanto, se houvesse reduzido separadamente, haveria achado 5 milhas para differença de latitude, e 5 para apartamento: portanto commetteu na primeira hum erro de — 0, 5, e no segundo outro de + 0, 7. Prescindindo mesmo de casos menos favoraveis, vê-se que há huma frequente occasião de repetir estes erros. Mas estes erros são pequenos. — Sim, porém são evitaveis. — E como? — Marcando as mudanças de rumo, e o seguimento correspondente. Que difficuldade há em escrever, como no caso apontado, em huma mesma hora

2 o ENE
3 o NE₄E
3 o NE₄N;

e para a redução attender separadamente a estes rumos? Dois ou tres minutos mais de exactão não pagão bem este pequeno trabalho? Além de que, eu mostrarei em outro lugar como esta especificação de angulos conduz a huma exactão muito maior, quando há o maior desvelo nas correções.

Mas não he só esta a causa de erro no angulo; há outra que facilmente se evita, porém que não convém esquecer. A bussola he guarnecida de duas caixas, das quacs a anterior tem dois

balanços ou arcs de latão, encaixados hum no outro. Estes devem necessariamente ser de latão, pois se fossem de aço, ferro, &c., a afinidade destes metaes com o fluido magnetico perturbaria a agulha, e tornaria muito duvidoso o seu testemunho. Estas caixas se depositão em huma especie de armazem, a que se dá o nome de *bitaculã*, talvez por corrupção de palavra Franceza *habitable*. Cumpre que a direcção deste armario seja parallelã á quilha, porque de outra maneira os angulos marcados pela bussola não serião as verdadeiras direcções do Navio.

Avaliado o caminho andado, examinado o rumo, resta o que se chama vulgarmente cortar as milhas, para achar o angulo da barca. De methodos graphicos se costumavão servir os nossos Pilotos, como a escala, o quarto de redução, &c. Depois que forão obrigados a adquirir algum conhecimento da Trigonometria Plana, ouvirão fallar em redução pelo calculo, e felizmente acharão-no já feito nas Taboadinhas Inglezas, em Moore, nas Taboas de Mendoza, e em outros livros. O methodo consiste, como todos sabem, em reduzir a hum só triangulo todo o caminho feito com huma só amarra, a fim de conhecer o sentido em que se deve applicar o abatimento. Ora que dirá hum destes praticos, se ler neste papel que este methodo induz em graves erros? Hum caminho seguido por todos os Pilotos, que me ensinarão desde pequeno, que tem conduzido tantos milhares de navios aos seus destinos. . . — Sim, esse caminho he perigoso. Huma risada de compaixão seria a resposta do pratico, e eu contentar-me-hia com rogar-lhe que não me condemnasse sem ler. Para lhe fallar de hum modo mais intelligivel, eu tomaria o mesmo exemplo de Mendoza. (Tratado de Navegacion, Tom. 2 n. 209.)

Supponem que hum navio sahio da latitude de $69^{\circ} 30' N$ e longitude $3^{\circ} 10' O$, e andou as seguintes milhas.

HYDROGRAPHIA.

Reflexões sobre as viagens dos mais celebres navegadores, que tem feito o giro do mundo, e a necessidade de huma nova viagem do mesmo genero, &c. Por Joaquim Bento da Fonseca. Continuadas do N.º 2.º pag. 12

Terra de Sandwich e Ilha de S. Pedro.

S**A****N****D****W****I****C****H** foi descoberta em 1775 por Cook, porém as caitas antigas notavão huma terra por esta parage denominada Golfo de S. Sebastião; mas o certo he, que até agora ignoramos se esta terra se estende para Leste ou para o Sul, pois o Capitão Cook em Fevereiro de 1775, descobriu terra a Leste, navegando pela Latitude S. de 59° 30', e como os gelos o impossibilitarão de reconhecê-la pelo Sul, navegou para o Norte, e nesta derrota foi avistando e determinando os pontos mais salientés, até que chegando á sua extremidade Septentrional, continuou á sua navegação para Leste. Nenhum dos circumnavegadores, depois de Cook, tem reconhecido a costa Oriental desta terra, por consequencia ainda falta fazer esta indagação para de huma vez conhecermos o seu limite para o Sul, pois não se segue, nem he justo, que se fique em trevas a respeito da sua extensão, sómente por considerarmos que a sua remota situação e aspero clima a faz inutil aos Navegadores. Pelo que respecta á Ilha de S. Pedro, ou Georgia, devo dizer que esta terra he aquella, que Antonio da Rocha descobriu, e não lhe deu denominação, porém em Junho de 1766, Dactos Guyot a visitou, e lhe deu o nome de Ilha de S. Pedro, e Cook na segunda Viagem reconheceu a parte Oriental, a que nomeou Georgia; e a parte do SO. desta terra não tem sido

visitada por algum navegador: por consequencia ignora-se se he huma costa aberta com portos e bahias, ou huma costa inteiramente fechada.

Ilha de Pitcairn.

E**S****T****A** Ilha foi descoberta em 1767 pelo Capitão Carteret, que se havia separado do Capitão Wallis. Elle a situa em 25° 12' de Latitude Sul, porém quanto á Longitude até agora he incerta, pois parece que este navegador não teve occasião de a determinar por observação; nenhum dos Navegadores posteriores a Carteret, a tem reconhecido, e sómente Cook na sua segunda viagem diz o seguinte.

„ Em o 1.º d'Agosto achando-me por 25° 01' de Latitude Sul, e por 134° 06' de Longitude Occidental, parage pouco mais ou menos assignada pelo Capitão Carteret á Ilhas de Pitcairn, que este navegador descobriu em 1767; fiz toda a diligencia, que me foi possível, para a encontrar, porém nada pude observar, que me desse indícios de terra: nós passámos 15 legoas ao Oeste da Longitude, onde o dito Capitão a situa, mas como esta determinação he incerta, e por outro lado considerando o estado dos doentes da Aventura, achei prudente não perder o meu tempo a procura-la.

Á vista do referido, o reconhecimento desta Ilha, e da sua posição bem determinada, se poderá rectificar por meio das outras, que este navegador descobriu em continuação da sua derrota.

Nova Guiné.

P**E****L****O** que respecta á Nova Guiné, admiro, ou para melhor dizer, não se pôde ver sem pena, logo que se examinão os rapidos progressos das descobertas, que tem feito conhecer as regioens mais

distantes, que estamos ainda em trevas sobre a parte desta grande Ilha, entre os seus extremos do SO e SE. Sabemos que Dampiers foi o primeiro que nos mostrou que esta Ilha não se estendia tanto para o Oriente, como os Geographos concebiu em consequencia das relaçoens dos antigos navegadores; pois Maire em 1616, quando avistou por Leste a terra, que hoje se chama a Nova Irlanda, julgou ser parte da Nova Guiné; e Tasman em 1642 denominou a parte mais saliente Cabo de S. João da Nova Guiné, de sorte que ás terras, que ficavão a Leste da passage, que Dampiers descobriu, este navegador impoz o nome de Archipelago da Nova Bretanha, a qual denominação se conservou até a epoca, em que o Capitão Carteret descobriu hum estreito no dito Grupo, a que denominou Canal de Jorge, e ás Ilhas, que ficavão a Leste, impoz o nome de Nova Irlanda, Novo Hanover, Bougainville, que se seguiu a Carteret, descobriu ao Sul da Nova Bretanha aquellas Ilhas, que denominou Archipelago da Louisiada, a pezar de ficar sempre na incerteza se estas terras fazião parte da Nova Guiné, ou se estavam separadas por algum estreito, assim como a Nova Bretanha.

O Contra Almirante Dentrecaesteux, a quem nós devemos tantas descobertas feitas nos relediros Archipelagos, como tambem a exacta posição daquelles de Safanão, e de Bougainville, e Caledônia, (pois os outros navegadores, que os descobrirão, não fizeram mais que apontal-os) he sem duvida, de quem os Geographos esperavão a determinação daquelle importante ponto Geographico; porém huma tal questão não se decidiu, e sómente da Derrota de Dentrecaesteux eu deduzo que este navegador atravessou o espaço desde o Recife mais do Norte e Oeste da Louisiada até huma legoa de distancia ao Cabo Longuerve de Guiné, na direcção

do NO, porém a terra da Nova Guiné, que forma a linha da menor extensão com a extremidade do Archipelago da Louisiada, he a que fica na direcção do Oeste, cuja distancia he de 6 a 7 legoas, e a ponta mais avançada foi nomeada por Dentrecaesteux Cabo do SE. Foi determinada a sua longitude no mesmo meridiano do ultimo Recife Occidental do Archipelago, pela observação do dia 24 de Junho de 1703, sendo a posição das Fragatas ao meio dia huma legoa a Leste das pedras; mas pelo que respeita á latitude, foi determinada por estima em 8.^o 40' Sul. O Contra Almirante diz que na referida linha de 7 legoas se não descobria mais terra para o Sul, e que os ventos da parte do SE (era a monção) lhe servirão de inconveniente para esclarecer este ponto importante da Hydrographia. Eu observo na relação da viagem deste habil navegador, que já aquelle tempo se achava com pouca saúde, e que não obstante, elle teria descoberto hum novo Estreito, se os seus Officiaes se não opozessem ao prolongamento da viagem para conservar a saúde do seu Chefe, porém esta percaução foi em vão, pois passados vinte dias já não existia.

Cabo da Circumcissão.

ESTA terra, suposta por Bouvet hum extremo de Continente, pode ser mais que huma Ilha. He certo que depois deste navegador não tem sido procurada, senão por Cook, e Furneaux, porém na epoca destas pesquisas a Longitude da dita terra não se achava corrigida, pois Bouvet tinha empregado na sua derrota por longitude da partida aquella de Santa Catharina, que naquelle tempo se achava affectada do erro de 4.^o, segundo as observaçoens recentemente feitas no Rio de Janeiro, cujo resultado poem a terra vista por Bouvet em 6.^o ou 5.^o ao Oriente de Greenwich, e parece-me ser esta

a razão, porque escapou á indagação da Resolução e da Aventura, porque Cook vindo de Oeste não principiou a pôr-se na latitude de 54^o, senão quando chegou aos 69^o a Leste, e o Capitão Furneaux aos 10^o 30' he que chegou a cortar o dito paralelo, assim hum e outro principiáro as suas indagações depois de terem passado o dito Cabo, por consequencia huma nova indagação não me parece inutil, ou seja para fixar a sua posição encontrando-a, ou para pôr termo á sua existencia sobre as cartas Hydrográficas.

Continuar-se-ha.

AGRICULTURA.

*Meio empregado pelos Chins para a propagação das arvores fructíferas &c. publicado por B.****

HE tamanha inconsideração negar-se a adoptar o que he novo, quanto abraçar a novidade sem mais reflexão, quando se pôde seguir perda de tempo, e de bens; mas quando o tempo posto em risco são poucas horas, e a perda alguns ramos de arvore, não há lavorador, por mais pobre que seja, que não esteja no caso de soffre-la: por isto sem escrúpulo algum os contão a tentar com nigo o methodo que passo a descrever, e que comecci a praticar.

Os Chins, em vez de propagar as arvores fructíferas por sementes, ou enxertias, imagináro outro meio, que o Doutor James Howison publicou em Inglaterra. Tendo escolhido a arvore, que quetem propagar, tomão o ramo, que cortado diste menos a arvore; em roda delle, e o mais per-

te do tronco que sem oppressão se pôde operar, enrollo huma corda de palha coberta de bosta, e dão-lhe tantas voltas, que a rodilha forme 5 á 6 vezes o diametro do ramo: he no centro desta rodilha que se devem formar as raizes. Feita esta operação, cortão a casca até ao lenho immediatamente abaixo da rodilha, e os dois terços, pouco mais ou menos, da casca da circumferencia do ramo; pendurão depois em hum ramo superior, e acima do centro da rodilha, hum casco de coco, ou qualquer vazo com hum muito pequeno furo no fundo, a fim de que não deixe cair a agua, de que o enchem senão gota á gota.

Durante tres semanas, nada mais se he faz do que entreter o vazo cheio d'agua, e findo esse termo, corta-se o terço restante da casca, e profunda-se a primeira incisão muito pelo lenho; n'esse tempo já algumas raizes se tem formado.

Passadas outras tres semanas, repete-se a mesma operação, e em geral dois mezes depois do principio da tentativa vem-se as raizes se entrelaçarem na superficie da rodilha, que he o annuncio de ter chegado o tempo de separar o ramo do tronco, o que convém fazer com huma serra, e no lugar da incisão, a fim de abalar o menos possível a rodilha, porque então a corda se acba já podre: isto feito planta-se o ramo como huma arvore nova.

He provavel que na Europa sendo a vegetação menos activa do que na China, esta operação leve mais tempo; todavia M. Howison pretende, segundo as tentativas, que fez em laranjeiras, que hum mez de mais compensa a differença dos climas.

As vantagens do methodo dos Chins são, que sendo os ramos plantados assás lortes, ao cabo de tres para quatro annos tem-se as novas arvores dando fructos, quando as mesmas arvores no mesmo clima vindas de semente, gastão 8 e 10 annos antes que fructifiquem. O Dr. Howison teve oc-

casão de ver isto provado na Ilha do Principe de Galles. Hum particular, que tinha semeado pevides de laranja em 1785, não tinha ainda tido fructo em 1795, quando ramos tratados pelo methodo dos Chins em 1791 tinham já carregado por duas vezes.

Se este methodo for praticavel, a ventagem não he para desprezar, pois que a infancia das arvores passa então depressa, ella, que sendo vagarosa em geral, era o que desanimava, tanto pela morosidade, como pelos accidentes multiplicaos que se sofrem. Em todo o caso a adopção deste methodo será muito util para multiplicar as arvores de paizes quentes, cujas sementes nos mais frios que o seu natal não adquirem madureza bastante para prolificarem. O Dr. Howison observou muitas vezes que o ramo, em que se praticava a operação, que descrevemos, em quanto a arvore dava fructos, carregava muito mais do que os outros. He provavel que isso provenha de huma plectora, ou superabundancia occasionada pela falta de communicação entre o ramo e o tronco pelos vazos descendentes, a qual se interrompe com a incisão na casa, em quanto a communicação pelos vazos lenhozos, ou ascendentes subsiste. Esta circumstancia corroboraria a opinião de Bonnet, que pretende que os fluidos das plantas tem, como os dos animaes, huma circulação regular. Pelo mesmo raciocinio poder-se-hia tambem explicar o phenomeno da maior quantidade de fructos de huma arvore, que foi desfolhada. Dir-se-hia que a maior parte dos succos ascendentes se despende pelas folhas em transpiração insensivel ou em sustento. Vê-se com effeito que huma arvore, sobre que se pratica hum entalhe, cessa de derramar suco pela ferida logo que tem as folhas: Marsden tinha as mesmas idéas, e lê-se no sua historia de Sumatra, pag. 119, que os indigenas alli desfolhão as arvores tardias em fructificar-se, que assim os

succos nutritivos por este importante uso são mudados ou virados, fazendo apparecer flores em maior abundancia.

O Dr. Howison observou que as raizes de hum ramo, que soffreu a incisão, gastavão mais tempo a emaranhar-se pela rodilha, quando a arvore estava com folhas, do que quando estava despirilla dellas, e conclue que a estação a mais favoravel para a incisão he na Europa a Primavera.

Sendo as fructas hum dos melhores mimos da natureza, todo quanto concorrer para melhora-las, e augmenta-las, deve entrar na escala dos nossos primos cuidados, e podendo o methodo, que publico, vir a ser hum meio de augmentar não só as arvores fructiferas, mas as de construcção &c., torno a recomendar aos lavradores, ás mãos dos quaes esta noticia chegar, que comigo o pohnão em pratica, e aos homens de gosto, que sabem dar o apreço devido a hum pomar, a hum bosque, e á vista de hum desser, que Pomona alegre, que o publiquem e incitem.

TOPOGRAFIA.

Breve Descrição Topographica e Statistica da Capitania do Espírito Santo. Por Francisco Manoel da Cunha. ()*

Origem do Rio Doce.

O Rio da Piranga em S. José de Sipotó, o Ribeirão do Carmo, que passa pela Cidade de Mariana, e que ambos fazem barra no lugar denominado Mathias Barboza, são os progenitores do Rio Doce: alguns pequenos Corregos, e Regatos asseverbão o curso deste Rio até o de Antonio Dias, donde descem as canoas. Existem varias Caxoeiras impraticaveis antes de chegar a este Arrayal. O ávi-do Mineiro viajando então cinco legoas distante do Porto de Antonio Dias, vê a primeira Caxoeira denominada Alegre; oito legoas mais abaixo descobre a chamada Escura; aqui o Rio de Santo Antonio dos ferros (innavegavel) vem depositar as suas agoas. Dahi á dez legoas apparecem as duas Caxoeiras de Baguary: nesta posição os Rios dos Bogres, e da Corrente baralhão-se com o Rio Doce. Na distancia de oito legoas achão-se os roxedos de Bituruna, e deffronte destes penedos vem desaguar o Rio Sussui grande, tendo pouco mais acima desembocado igualmente o Rio Sussui pequeno. Tres legoas depois encontra-se o Caxoeiro da Figueira; avançando mais oito legoas, observa-se o do Sapé; e dali a sete o do Cuieté: aqui entra o Rio do mesmo

(*) O Autor, depois de ter exercido com muita distincção o lugar de Escrivão da Junta da Fazenda nesta mesma Capitania, foi nomeado para crear o mesmo lugar na do Piauhy, onde tem sinalado o seu zelo e consancia a bem do Real Serviço.

nome. Vijsando-se mais quatro legoas demora a Caxoeira do M, e tres legoas avante está a conhecida pelo nome do Inferno. O Rio Matassá alonga-se outras tantas legoas desta ultima Caxoeira: ahi está o Quartel de Lorena; e navegando-se quasi huma legoa, encontra-se a Ilha da Natividade, d'onde principião os pedregulhos conhecidos pelo nome de Escadinhas, que se dilatão até o Rio Guandú nas circunvisinhanças do Porto de Sousa, extremas das Capitancias de Minas Geraes, e do Espírito Santo. Taes são os grandes obstaculos confessados pelos mesmos Mineiros desde a vez primeira que se communicarão com os Capitães pelas agoas d'aquelle Rio, e que difficulção, como já disse, a sua frequente navegação.

A navegação do Porto de Souza até a barra he mais commoda, por se não encontrarem tantos penedos; mas o fundo do Canal he muito desigual. Cento e quarenta Ilhas desde o lugar do Cavalho, até o Quartel da Regencia Augusta na barra, dividem este Rio como em dous, cuja corrente he assáz extraordinaria. A sua largura desde a foz até o já mencionado lugar do Cavalho he quasi sempre de hum quarto de legoa, e chã de grandes bancos de arã tanto da parte do Norte, como do Sul. A barra não he estavel: humas vezes tem dez palmos, outras vezes treze, e muitas vezes sete, cinco &c. Não há alli hum surgidoro capaz de ancorar qualquer embarcação, e para escapar á rapidez da corrente he necessario afferrar-se á terra. A entrada da barra he difficulosa, e de grande perigo: esta entrada só com vento feito pôde ser feliz, pois nada mais he capaz de obstar, e vencer a alluvião de tantos Rios combinados em hum só ponto. O grande cordão, que ahi se eleva, e os parceis de hum e outro lado, impossibilitão ás embarcaçoens o poderem bordejar; e quando quizessem proseguir na sua viagem pelo Rio acima, não o

poderão surmontar, 1.º pela pouca agua do Canal, 2.º pelas differentes direcções do mesmo Canal, que ora demora ao Norte, e Noroeste, ora a Oeste, e Sud-Oeste, e serião necessarios muitos ventos favoraveis a hum mesmo tempo para que as embarcações evitassem o naufragio.

Quartel do Porto de Souza, de Linhares, e da Regencia Augusta.

O Lugar denominado Porto de Souza, ao lado Meridional do Rio Doce, he conhecido por este nome desde o tempo, em que governou a Capitania do Espirito Santo o Capitão de Fragata Antonio Pires da Silva Pontes. O Quartel do Destacamento he a caza unica, que alli existe.

Linhares, antigamente Contins, tres dias de viagem pelo Rio abaixo, e destacamento situado na margem Septentrional, contém mais de setenta cazas todas cobertas de palha, hum Quartel, e hum unico Lavrador novamente afazendado. O grande Lago de Japaraná não fica muito distante d'aqui: hum braço deste Lago vem desaguar á Leste de Linhares, outro mistura-se com o Mar do Brazil na praia de S. Matheus. Infelizmente este Lago ainda não foi mensurado, com tudo ao primeiro golpe de vista mostra que terá dez, ou doze legoas de circumferencia. Seu fundo conhecido he de quatro a cinco braças, e muito abundante em pescado.

A Regencia Augusta, distante hum dia de viagem de Linhares, foi assim chamada pelo mesmo Governador Pontes. O Quartel do Destacamento, e duas pequenas choupanas compoem este Registro, que fica da mesma parte, em que jaz o Porto de Souza: só hum pequeno Lavrador aqui vemos a tres para quatro mezes: este Quartel he o deposito das municações, que vão para os lugares acima ditos.

Quartel dos Combos, e do Riacho Lago do Campo.

DA barra do Rio Doce, onde está o Quartel da Regencia Augusta, marchando-se pela praia na longitude de tres legoas mora o Quartel dos Combos, retirado da mesma praia hum quarto: aqui passa o Rio, ou para melhor dizer, a Lagoa, que dá o seu nome a esse Destacamento, segundo a linguaagem dos Indigenas; esta especie de Rio vai ajuntar-se com o que vem da Lagoa do Campo; em huma palavra, o unico, e pobre domicilio dos Soldados, huma floresta continuada, e o morno silencio da solidão fórmão toda a belleza deste sitio.

Se combinarinos agora o tempo, que se gasta dahi ao lugar do Riacho, ou seja embarcado por esse pantano já dito, ou vindo pela praia, a viagem sempre he igual. Recordando-me, que toda a praia desde o Rio Doce até o Riacho, de que vou fallar, he insuportavel; a sua extensão he de sete legoas. O Destacamento do Riacho está quasi desamparado; hum só Indio ahi existe, e nada mais se observa, que possa merecer attenção.

A Lagoa do Campo dista deste lugar para Oeste poucas horas de jornada tanto por terra, como pelo mesmo Rio, que lá vai ter, cuja barra he ainda incapaz de receber canoas. Esta Aldeia do Campo he assás grande, e povoada de Indios.

Aldeia Velha.

Sahindo do Riacho, e avançando tres legoas, vemos a Aldeia Velha: a barra do Rio, que denomina este lugar, he limpa, e admite em si bergantins, que muitas vezes tem ido carregar madeiras, de que ricamente abundão as suas matas. Algumas pequenas cazas, pela maior parte cobertas de palha, e alongadas humas das outras, fórmão

a totalidade desta chamada Povoação de hum, e outro lado do Rio. Viando-se cinco, ou seis léguas por este mesmo Rio, vai demandar-se a Oes-Noroeste o Destacamento de Piragué Assú, composto unicamente de Indios, e mais abaixo por hum braço, que demanda ao Sul, vê-se o Piragué Merim, onde ha pouco succedeo o horrivel catastrophe, que relatei na continuação desta memoria. O commercio da Aldéa Velha consiste em madeiras, cal, laranjas, azeite de boga, farinha de mandioca, fio de algodão, e tudo, exceptuando as madeiras, em diminutas porções.

Villa Nova d'Almeida.

ESTA Villa dista da Aldéa Velha outras tantas léguas, quantas achamos do Riacho á mesma Aldéa. Ella está situada sobre huma pequena colina á borda do mar: o seu commercio florescia em madeiras antes da prohibição do corte, venda, e exportação destas, cujo interdito foi posto pelo actual Governador em toda a Capitania: seus habitantes são todos Indios; excepto alguns Europeos alli estabelecidos: as cazas cobertas de palha; as paredes de barro; e só o Collegio, que foi dos proscripções Jesuitas, e seis ou sete predios dos Portuguezes já domiciliados são cobertos de telhas. O Senado da Camara, e o Capitão Mór são Indios de Nação. O Rio, que dá, ou tira seu nome da dita Villa, e que corre ao Norte della, he de nenhuma consequencia, pois que só admite canoas, e pequenas lanchas. A negociação ordinaria compoem-se dos mesmos generos, que se exportão da Aldéa Velha, e a pobreza aparece aqui como personificada no semblante de cada hum dos seus nacionaes.

Villa da Victoria.

AGORA, chegamos á Villa Capital da Victoria, que demora oito léguas ao Sud-Oeste da d'Almeida: a sua posição he em huma especie de Ilha: ella se estende á maneira de antitheatro; sobre a falda de hum monte; o braço de mar, que forma o seu ancoradouro segue a Oeste por mais de legoa e meia, e dirigindo-se para o Norte, e Leste, torna a engalfar-se no mesmo mar: a largura desta Ilha, de Norte á Sul, será pouco menos de 5 quartos de legoa, e de E. á O. a extensão não he regular. Nove Igrejas (incluindo os dous Conventos de Religiosos Carmelitas, e Franciscanos) apparecem no meio desta Villa; as cazas não são bellas, com tudo descobrem-se algumas de dous andares: alli não há divertimentos, e decendencia da terra assim o permite: huma estrada, que se dirige á Leste, e outra a Oeste, eis os frequentes passeios dos habitantes daquella Villa. Ahi he a residencia do Governador, do Tribunal da Junta da Real Fazenda, e do Ouvidor. O Senado da Camara he pobrissimo por ter cedido antigamente os seus rendimentos á Real Fazenda, a fim de que alli houvesse huma Companhia de Linha para arrostar o Genio.

O Commercio, que consta de pequenas quantidades de assucar, agoradente, café, milho, feijão, arrós, e algodão, não he bastante para encorajar os seus Nacionaes, e as pequenas embarcações deste Porto, navegando sempre ao longo das Costas limitrofes do Rio de Janeiro, e Bahia, raras vezes se animão a viajarem para Pernambuco, ou Rio Grande do Sul. A maior parte das mulheres se occupão diariamente a fiarem o algodão, percebendo deste trabalho tres, ou quatro vintens; a Agricultura está como esquecida: não há hum só Negociante capaz de animar alli os diversos artigos

da industria, ou seja em generos Europeos, Asiaticos, ou Africanos: a desgraça, e desamparo daquelle Paiz he tal, que arruinando-se mesmo qualquer predio jámais o reedificão. A barra desta Villa Capital está na distancia de pouco mais de legoas, e nesta extensão apenas apparecem dous pequenos Fortes o de S. Francisco Xavier, ou Piratininga ao Sul da dita Barra, e o de S. João alongado desta pelo Rio acima mais de 3 quartos ao Norte: sobre o cimo do monte, onde jaz este Forte, ainda hoje se conservão os restos de huma velha muralha, que antigamente servio de defeza aos Hollandezes.

O Rio de Santa Maria, que vem desagoar nesse braço do mar, que fórma o ancoradouro já dito da Villa da Victoria, he assás bello: as suas margens são cobertas de fazendas, e as matas visibnas cheias de preciosas madeiras: a navegação he feita por canoas, pois o canal não admite embarcações de maior porte. Entretanto se a nova estrada, que de Minas Geraes se dirige pela Serra dos Arrapados, e que, segundo dizem, vem ter á Capitania do Espirito Santo por este Rio, se effectuasse, esta communicação seria de maior vantagem, que a navegação do Rio Doce, porque desembocando o dito Rio no lugar chamado do Lamarão, quasi legoa e meia distante da Villa, dalli mais facilmente serião conduzidos os generos de Minas, importados sem maior trabalho naquella Capital, cuja barra he capaz de receber Brigues e Galeras.

Villa do Espirito Santo.

POUCO acima do Forte de S. Francisco Xavier da barra está a Villa do Espirito Santo, a primeira, que houve naquella Capitania: 40 cazas pouco mais, ou menos, e pela maior parte cobertas de palha, compoem esta povoação: ainda alli se vêem os alicerces de huma pequena Alfandega estabe-

lecida logo depois da sua descoberta, e que desta pareceo, bem como a antiga navegação, que ella nutria directamente com a Europa, e Africa, de que hoje não há a mais ligeira sombra. Todavia o Senado da Camara desta Villa he mais rico, que o da Capital. O grande monte denominado da Penha, he huma cas balizas dos navegantes daquella Costa; elle demora a Leste da Villa do Espirito Santo. O Santuario, que se descobre no seu cume, e sobre hum escarpado rochedo, he assás conhecido pela veneração, que lhe consagra a maior parte da America Meridional. O Templo, ainda que pequeno, he sumptuosissimo. A Imagem da Senhora da Penha possui immensas peças d'ouro, e pedras preciosas, e em torno da Igreja pela parte de Leste os Religiozos Franciscanos tórmarão hum Conventinho.

Villa de Guaraparim.

DA Villa do Espirito Santo segue a entrada, que vai ter á de Guaraparim ao Sul dest'outra, dez, ou onze legoas. Guaraparim tem hum porto capaz de ancorar embarcações, sem o menor perigo: esta Villa não he grande, com toda encerra as commodidades possiveis para o commercio, e os mesmos generos, que se exportão da Villa da Victoria, ahi mesmo se achão: além disto abunda mais em madeiras. Duas igrejas vemos nesta Villa: a inercia de seus habitantes equilibra com os de toda a Capitania: as agoas potaveis não são boas; mas o seu terreno he fertil. Viado da Villa do Espirito Santo para esta, não se encontrão Rios memoraveis, porque duas legoas distante da primeira vê-se o Rio Jucú, cuja barra só he capaz de canoas, e duas legoas antes de chegar a esta ultima Villa encontra-se o Rio de Una, hum quarto depois o de Perocão, todos estes semelhan-

tes ao de Jucú. A especie de Rio, que vem formar o porto de Guaraparim, considerado verdadeiramente, não he mais que hum braço destacado da combinação de muitos pantanos.

Villa de Benevento.

DE Guaraparim á Villa de Benevento há seis legoas: esta pequena Villa mora ao S: seu porto fica no fundo de huma larga enseada, que o mar ahí fórma similhante a huma grande bacia, e que tem bastante agoa para nadarem bergantins de maior porte, como por vezes já tem ancorado lá mesmo tanto Nacionaes, como Estrangeiros. Aqui se constroem sumacas &c. As madeiras são muitas: os artigos commerciaes contrabalanção com os de Guaraparim; e huma só Igreja (o Colegio dos Jesuítas) descobrimos no meio de hum monte, que está mesmo junto á Villa. O Rio conhecido pelo nome d'Aldêa, e que banha o lado Meridional desta Villa, he navegavel pelo sertão até a ultima das fazendas situadas pelas suas margens.

Duas legoas, seguindo sempre a direção do Sul, distantes de Benevento, está o Rio Piuma em tudo igual ao de Jucú. Marchando-se pouco mais de legua, chega-se á grande montanha do Agá, baliza dos mariantes para aquella Capitania: nas faldas deste monte corre a melhor agoa de toda a Costa Braziliense.

Povoação de Itapemerim.

DO monte já mencionado avançando pouco mais de 5 leguas, acha-se o Rio Itapemerim, que assim se appella a Povoação afastada da barra meia legoa; este Rio ás vezes recebe grandes Lanchas. He muito digno de notar-se, que, ficando a Villa de Guaraparim ao Norte de Benevento, seja esta Po-

vocação sugita ás Justicias da primeira Villa, em quanto o rendimento dos Dizimos he sobre si. Esse terreno não deixa de ser fertil: a Povoação he melhor, que a da Aldêa Velha, e a sua unica Igreja, por muito antiga, he digna de ser apontada. Algum assucar, agoardente, e pouca madeira he a base do pequeno negocio, que gira nesse lugar.

Itapapoana.

Seguindo pela praia, e passando á travez das barreiras dos Ciris, tocamos em Itapapoana, ultimo lugar da Capitania do Espirito Santo. O Rio de Itapapoana he só navegavel algumas vezes para pequenas Lanchas, e sempre para Canoas: aqui nada vejo, que mereça attenção. Neste porto, cuja população he composta de oito cazas cobertas de palha, existe hum Quartel, onde estão destacadas hum Cabo, e 4 Soldados da Companhia de Linha, a unica, que há na Villa Capital da Victoria; outros tantos Destacamentos desta natureza se achão em Itapemerim, Benevento, e Guaraparim. Desde o Rio Doce até Itapapoana, a estrada he sempre pela Costa do mar, e raras vezes della se aparta, pois que os sertoeses daquella Capitania ainda pela maior parte não estão povoados, nem descobertos.

ARTES.

*Discurso do Doutor Duarte Ribeiro de Macedo
continuação do N.º a.º pag. 41.*

CAPITULO 3.º

Este damno não he antigo no Reino:

A primeira, e mais visível obsecção, que se offerece a este discurso, he que se do Reino tãhem copiosas sommas de dinheiro todos os annos (como parece que prova o que fica referido), nos acharamos já sem prata, nem ouro; porque no Reino não entra prata, nem ouro em muitos annos, que iguale a somma, que sahe em hum só anno; e como não estamos ainda nestes termos, não deve ser esta a causa, nem sahir do Reino tanto dinheiro, como suppõe este discurso.

A resposta não he facil, e cuido, que confirmará o que temos provado. He necessario considerar tres tempos no Reino, hum antes que passámos á India; outro emquanto fomos senhores do Commercio della; e o ultimo depois que a perdemos; que principiou na perda de Ormuz, e acabou na perda de Ceylão. No primeiro tempo não houve este damno, porque naquella idade (a que podemos chamar de ouro) não entravão no Reino fazendas estrangeiras, principalmente das que dependem de Arte; e como o Reino era mais abundante de fructos, de que os Estrangeiros necessitavão, era muito mais o que tinha que dar, do que o que delles recebia; e ainda que os preços erão vis comparados com os presentes, a moderação daquella idade os fazia grandes; havia dinheiro para sumptuosas fabricas, e para grossas Armadas, com que passavão á Africa os nossos Reis; e para sustentar grandes Exercitos.

He certo, que não entravão fazendas estrangeiras, porque nos vestiamos com pannos finos de Portugal; e as sedas (que se não fabricavão) tinhamão tão pouco uzo, que El-Rei D. Manoel, no primeiro anno do Seu Reinado, escreveu huma carta a Evora ao Conde de Vimiozo, em que o reprehendia de haver consentido que a Condeza Sua Mulher se vestisse de veludo; e dá a razão nestas palavras: *Porque o veludo, Conde, he para quem he.* Os adornos das casas erão cabides de armas, sempre luzentes, e promptas para o exercicio da guerra; a maior despeza erão bons cavallos; nem coches, nem liteiras conhecia aquella idade: as Rainhas marchavão em mulhas: com este aparato recebeu a Rainha D. Leonor a Princeza de Gales, quando trouxe a Lisboa a Seu filho, para se receber com a Infanta D. Brites, que depois foi Rainha de Castela. Todos ouvimos a nossos Avós, que o uzo commum erão botas; as da Corte mais polidas, que as do Campo; a este uzo attribuição não se conhecerem naquella idade alguns achaques, que hoje se padecem: destes exemplos estão cheias nossas Historias; e tem copioza noticia a tradição.

No segundo tempo, que he o das Conquistas (glorioso sim, mas em que se perdeu a moderação dos primeiros Seculos) abrimos as portas ás riquezas do Oriente, que fizeram o Reino abundante, e rico; e seguiu-se o luxo, companheiro inseparavel da riqueza; passou a ser desprezo a pobreza antiga; e foi necessario que a Casa de Vimiozo vestisse de veludo as criadas, que primeiro foi condemnado na Senhora; trocario-se os Cabides em pannos de rãz; e as mulhas, e cavallos em coches; abrimos tambem as portas ás fazendas estrangeiras; e metterão os Estrangeiros neste Reino tudo o que a Arte, e Luxo tinha descoberto nos outros.

Ainda assim nos não levarão dinheiro; porque
c ii

como eramos senhores de todas as drogas, e riquezas do Oriente, tínhamos muito mais que dar, do que recebíamos; e daqui nasceu ser Portugal o mais rico Reino, e Lisboa a mais rica Praça do Mundo; e andarem publicos no Commercio della oitenta milhoens no anno, em que El-Rei D. Sebastião passou à Africa.

O terceiro tempo, depois da perda do Commercio da India, he o em que contrahimos a enfermidade mortal, que hoje padece o nosso Commercio; porque nós necessitamos de todas as cousas, que introduzião as riquezas da India, com que as pagávamos; donde se segue, que pagamos em dinheiro aos estrangeiros o que excede o que nos dão ao preço das fazendas, e drogas, que nos levão.

D. Sancho de Moncada, Author citado, se admira com razão de que haja dinheiro em Castella, porque assentando que sabem todos os annos trinta milhoens, e entrão só oito, ou nove das Indias, não devia já ter com que pagar as Naçoens; mas a razão, que acha, he o muito que tinha entrado nos primeiros annos daquelle descobrimento; e he a mesma, que podemos dar, fazendo a conta ao muito, que tínhamos recebido; e conclue, que Castella se ha de esgotar, e perder-se por consequencia. Oh queira a Providencia, que não seja o castigo em nós a dilatação do remedio, assim como parece castigo nos Castelhanos; e que nos livre da ruína, que nos ameaça, assim como nos livrou da sua sugeição!

CAPITULO 4.^o

Qual pôde ser o remedio deste damno.

Quando a differença, que fiz dos tempos, que consideri no Reino, parece que o remedio do mal do terceiro tempo, será reduzir o Reino ao primeiro, ou ao segundo; ou passar á moderação, com que se vivia antes do descobrimento da India; ou restaurar a India. Não ha duvida, que fora este o remedio; e tambem fora chimera propolo; fora propor aos Romanos no tempo dos Cezares que se reduzissem ao tempo dos Curcios, e dos Fabios; fora ridiculo o remedio, que nos havia de obrigar a calçar botas, e vestir os pannos das Serras de Minde, e Estrela.

A mesma impossibilidade parece que tem a restauração da India, em tempo que não podemos aviar duas Naos para aquelle Estado, aonde mandão trinta, ou quarenta as Naçoens belicozas da Europa; esta grande obra fará Deos quando o merecermos, ou quando for Servilho; se nós tiver escolhido para restauradores, como he certo que nós escolhemos para descobridores, e conquistadores. O remedio não he facil, mas não he tão difficil como aquelles dons.

A Felipe III se deu por remedio para não sahir a prata, e ouro de Hespanha, subir a moeda, e augmentar o valor do ouro e prata; e se apontavão as razoes verdadeiramente apparentes. — 1.^a Porque sendo levados dos Estrangeiros como mercadorias, que vale mais nas suas Patrias, que em Hespanha, subindo a preço que não valesse mais, não seria mercadoria para elles. — 2.^a Porque todas as mercadorias, ainda metalls, como cobre que vem do Norte, valem mais na parte aonde se levão, que na parte de donde sahe, por fazerem ao menos vinte por cento de custo na transportação; e

que assim era conveniente, que valesse mais em Hespanha, aonde se traz, que no Potuzi, donde se tira; mas he inutil este meio; porque como se necessita de fazendas Estrangeiras, os Estrangeiros são Legisladores dos preços, e sobem as fazendas, que metem, a preço, que iguale ao que subio na moeda, e lhe fica com a mesma conta para a levarem.

A experiencia o tem mostrado entre nós; porque depois que a necessidade da guerra nos obrigou a augmentar o valor da moeda, crescerão os preços de todas as mercadorias, e pagamos com huma pataca, que vale trinta vintens, a mesma quantidade, que pagavamos, quando valia dezescis; o que obra, quando o mercador tira dinheiro, com a mesma conta, que antes, sendo só nossa a grande perda, que vai de dezescis a trinta.

A prohibição, e as Leis, que impedem a sahida do dinheiro, que já apontei não ser remedio, no Conselho de Castela com huma razão aparente dizão, que se praticava em todos os Reinos vizinhos; donde he certo, que os mercadores não tirão o dinheiro; e que se não dá maior razão, para que estas Leis produzão o effeito, para que forão estabelecidas nos outros Reinos, e o não produzão em Hespanha; mas a razão da differença he clara.

Os estrangeiros tem fazendas, com que pagão todas as mercadorias de que necessitam; o que obra, que as suas Leis tenham facil execução; e as nossas a tem difficil, e impossivel, porque não temos com que commutar o muito que necessitamos; e somos necessitados a pagar em dinheiro o excesso. Deste remedio uzavão inutilmente os Castelhanos, porque prohibião as sacas do dinheiro com infinitas Leis e Pragmaticas, reiteradas em todos os governos, promulgadas desde o tempo dos Reis Catholicos, até o presente; e em huma, que publi-

cou Carlos V, dá a razão nestas palavras. — Por quanto Los Francezes llevan el oro, y con el oro nos hazen la guerra.

Finalmente, o unico meio, que há para evitar este damno, e impedir que o dinheiro não saia do Reino; he introduzir nelle as Artes; não há outro, que possa produzir este effeito, nem mais seguro, nem mais infallivel.

CAPITULO 5.º

Prova-se a infalibilidade deste meio.

A Prova he evidente: as fazendas lavradas, que os estrangeiros metem no Reino, são as que unicamente fazem exceder o preço do que metem ao preço do que tirão do Reino; como temos provação. Pela introdução das Artes se evita a introdução das fazendas, que os estrangeiros metem neste Reino; e teremos com que pagar as fazendas, e drogas que entrarem, sem que seja necessario pagagalas. Da maior, e da menor desta conclusão, se não pôde duvidar, mas façamos mais verosimel a prova da menor. Todos sabemos que a maior despeza, e gasta que faz o Reino, he de sarjas, baetas, e meias de seda: sarjas gastão quasi todas as Religioens de Frades, e Freiras do Reino; só os mantos das mulheres bastão para a consumpção de huma grande parte deste genero; e todos no Verão nos vestimos communmente de sarjas, e de baetas; e não só nos vestimos todos, e as uzamos nos lutos: mas somos os unicos homens, que as gastão na Europa. Meias de seda, fica dito, que só a Inglaterra lhe gastamos orienta mil pares. Pannos, he uzo commum de grandes, e pequenos em todo o Reino no Inverno; e não só no Reino, mas em todas as conquistas: estes são os generos mais grossos, que os estrangeiros navegão, e que

o uzo commum faz mais custosos ao Reino; o que na verdade he couza vergonhosa para as Naçoens de Hespanha. Supponhamos, que obramos o que baste para o uzo commum do Reino, e conquistas nestes cinco ordinarios generos de sarjas, baetas, meias, pannos, e papel; deixo á consideração de todos o que pouparemos de dinheiro, cujo gasto nos empobrece, e enriquece as Naçoens, de quem os recebemos.

CAPITULO 6.º

Se he facil no Reino a introdução das Artes.

OS Autores reduzem as mercadorias, que dependem da Arte a tres classes, a saber humas tem metade de obra, e metade de materia, como são, sedas, outras tem huma parte de materia, e dez de obra; como são, linhos, algodões, lans, e obras de ferro: outras tem todo o valor pela fabrica, pelo pouco que vale a materia, como são algumas obras de madeira; e particularmente papel. Destas são as mais necessarias para a Republica as da 2.ª, e 3.ª classe, por duas razões: porque são as do uzo mais commum; e porque tendo todo o valor na obra, dão mais ganho ao Artifice; que o bom governo quer que fique aos naturaes, e não passe aos estrangeiros. Outra differença se considera nestas Artes; humas são facéis, e outras difíceis de obrar; as mais facéis são aquellas, que não tem valor, como pannos, sarjas, baetas, &c. As mais difíceis são sedas lavradas, brocados, tapeçarias, &c.

As do uzo commum são as mais facéis de obrar, e as mais necessarias no Reino; e as que inculco para o fim a que se encaminha este papel; não digo que se procure a introdução das mais

difíceis; que façamos logo fabricas de brocados, tapeçarias, e outras couzas semelhantes; supposto que fora utilissima a introdução de todas, como mostra este discurso.

A introdução das Artes mais commuas he mais facil nas terras aonde ha os materiaes, que nas terras aonde faltão; e por consequencia mais facil entre nós, que entre os estrangeiros. Todos sabemos, que no Reino, e nas conquistas há abundancia de lans, linho, e algodão; e todos os materiaes, que servem ás tinturas; e não há abundancia de sedas, por falta de applicação, como direi em outro lugar.

Carlos V costumava dizer, que os Hespanhoes parecião sizudos, e erão doudos; e os Francezes parecião doudos e erão sizudos; a razão desta differença he clara: os Hespanhoes tem todos os materiaes, e desprezo as Artes: os Francezes não tem os materiaes, e estimão as Artes: os Hespanhoes tem lan, que vendem aos Francezes, e depois comprão as obras de lan aos mesmos, com mais dez partes de excesso do valor, do que a materia, que venderão: quem não dirá que esta Nação he barbara, e aquella civil; esta louca, e aquella sizuda?

Por onde se deve começar para a introdução das Artes, he com a prohibição rigorosa de sahirem do Reino os materiaes, que se podem lavar nelle; além de que, a saca das lans perde infallivelmente as poucas fabricas, que há de pannos, por huma razão evidente: he certo que a abundancia das lans as fará dar a melhor preço, e a falta as fará valer mais caras; se os nossos obreiros as achão baratas, podem dar os pannos a melhor conta, e pelo contrario, se não as achão a bom preço. Daqui se segue, que compramos mais baratos os pannos aos estrangeiros, que aos naturaes; e faltando aos naturaes o gasto do que

obráo, deixão de obrar, e se perdem as fabricas; que he o mesmo, que succedeu aos Castelhanos, como veremos.

Porhamos exemplo no panno de linho; este he o unico material, que se obra no Reino, e não sai delle; e daqui vem que temos panno de linho, não só para o commum gasto do Reino, mas para vender a Castella, e para mandar ás conquistas. Não sahir esta materia do Reino, e gastarem-se as obras, que della se fazem, he razão, porque toda huma Província (seja Deos louvado) se applica ás obras de linho; isto mesmo succederá com lan, se não sahir do Reino; se houver artifices para obrarem os generos, que aponto (que necessariamente hão de ter gasto) para se applicarem á obras: e teremos não só o que basta para o Reino; mas para dar a Castella, e mandar ás conquistas.

Já por uzo, e Lei do Reino se dá privilegio aos artifices, que intentão alguma fabrica nova, de dez annos de izenção de direitos; lei justa, e util. E porque os privilegios, e os premios tudo facilitão, depois de haver artifices será conveniente cuidar em outros premios; como será gastar a Fazenda Real 10000 os primeiros annos de pensão aos artifices, que melhor obrarem este, ou aquelle genero; e ordenar S. A. que para os dotes da Mizericordia sejam preferidas as moças, que fiarem lans, e obrarem meias, e fitas, e os obreiros de todos estes generos. Tambem facilitará as escolhas dos lugares abundantes de agoas, e lans; deixando para a Província de Entre o Douro, e Minho, a Comarca de Lamêgo, e algumas terras de Traz os Montes o trabalho de linho, e seda, que nella se continúa; deixo para outro lugar outros meios, que vi praticar em França.

CAPITULO 7.º

Se tem inconveniente esta introdução das Artes.

O Primeiro inconveniente, que se considera, e que he commum entre os nostros Ministros, he dizer: se introduzimos as Artes, não terão salida as nossas drogas, que os estrangeiros buscão a troco das suas manufacturas, e perderemos a troco das suas manufacturas, e perderemos as conquistas, que só com a salida dellas se conservão; e a Fazenda Real o direito das Alfandegas; e anda tão respeitada e tão persuadida esta razão; que se tem por odiosa a pratica de introduzir as Artes, na opinião de alguns, e perigosa na opinião de muitos; mas deixando para outro lugar as felicidades, que com ellas se introduzirão no Reino, e supondo que pôde ter inconvenientes, respondo a elles.

1.º Que he necessario examinar qual he maior damno, se continuarmos no estado presente, que nos esgota o Reino de dinheiro, e nos deixa as drogas; ou diminuir a salida das drogas pela introdução das Artes, que he só o remedio, que temos, para impedir a extracção do dinheiro, outro, e prata do Reino? 2.º Eu não digo, que introduzamos tantas Artes, que não necessitemos das Artes estrangeiras (suposto que tenho opinião contraria) digo só por agora, que introduzamos as mais necessarias, e as que tem uzo commum; e as que ficão bastão largamente para se commutarem pelas nossas drogas, e fazendas, que temos para dar; por exemplo: se temos 4 milhoens de drogas, e fazendas que dar, e temos necessidade de receber 8, introduzamos as Artes, que valhão 4, que he, como fica dito, e provado, o unico remedio que temos para conservar o dinheiro; e com esta conta, que não será difficil, cessará a razão do temor deste inconveniente; e se

achará que não só o não he, mas muito necessaria para remedio do Reino a introdução das Artes. 3.^o He falso o principio de que depende da falta das Artes a sahida das drogas; porque se facilita, ou dificulta por outro principio mais natural, que he a necessidade que os estrangeiros tem dellas. Se necessário dellas, a abundancia das Artes não a ha de facilitar; o exemplo tem passado por nós: há alguns annos, que o assucar, e tabaco tinhão muita sahida, porque só nós tinhamos abundante quantidade destas drogas, e todos necessitavão dellas.

Fizerão as Naçoens fabricas de assucar, e tabaco nas Ilhas da America, e faltava a sahida, porque não tiverão tanta necessidade destas drogas; donde se vê, que nem a falta das Artes foi a cauza do muito gasto, nem a introdução das Artes do pouco gasto.

Outro principio há tambem para facilitar, ou dificultar a sahida das nossas drogas, que he o havê-las em outra parte a melhor preço; mas este se remedeia com abaxiar o preço; que he o meio de que usão os Hollandezes em toda a parte do mundo, e com que se conservão senhores do commercio.

Tambem a muita abundancia destes generos pôde ser a cauza, ainda que todos necessitem dellas; porque se bastão para a Europa 500000 caixas de assucar, e nós lavramos 1000000, necessariamente ha de faltar a sahida ás 500, sem que a introdução das Artes seja culpada nesta falta.

Isto succede communmente em todos os fructos da terra, em que huns annos são mais abundantes, e os outros, como são as nossas drogas, que em huns annos se gastão todas, e em outros sobejão; porque há mais do que se pôde gastar.

4.^o Se não tiverem sahida as nossas drogas, porque faltarão os estrangeiros a virem busca-las, ou

pela introdução das Artes (o que não poderá ser); ou porque as tem entre si; nós as navegaremos onde elles as navegão; porque em fim nós lhes ensinamos a Arte de navegar; e assim suprimemos a falta de sahida para as nossas drogas; e ao mesmo tempo terão as nossas valor pelo excesso, que levão na bondade, e nenhum valor as suas.

CAPITULO 8.

Prova-se, que não tem inconveniente pelo exemplo das mais Naçoens da Europa.

A Providencia Divina, cuidadosa da mutua correspondencia dos homens, e da sociedade civil das Naçoens, não deu a huma só todos os bens da natureza. A todas as Naçoens repartio a produção pela diversidade dos Climas, para que a necessidade, que huns tem do que os outros produzem, facilite o Commercio, e o trato entre os homens; levando huns, e trazendo outros o de que necessitão todos: daqui se segue que não ha Provincia tão abundante, que não tenha necessidade dos fructos alheios; e nenhuma tão pobre, e tão estéril, que não tenha que mandar ás abundantes; mas a industria, e entendimento repartio igualmente a todas as Naçoens, fazendo a todas capazes das operaçoens da Arte; e se faltão em algumas, he por falta do uzo, e da politica, e não da capacidade.

Temos o exemplo em Alemanha, onde hoje florecem as Artes: e que era no tempo, em que escreveo Tacito, tão inculta, e barbara, como sabemos, que he hoje a America, e a Ethiopia. Daqui se segue, que será castigo, e não disposição da Providencia de Deos, a menos applicação que humas Naçoens tem, mais que outras, ao exercicio das Artes mecanicas; mas deixando as moralidades, a que dava occasião este reparo, digo, que aquella repartição da Providencia segura entre os ho-

mens a sahida de todos os fructos, de que tem abundancia, pela comutação dos de que tem falta, e que as Artes, ainda que sejam communs a todas as Naçoens, não pôem impedir, nem ser damnosas ao Commercio.

Esta he a razão porque todas as Naçoens bem governadas procurão ter abundancia de Artes, sem que nenhuma tema o receado damno, de que as Artes serão contrarias ao Commercio: vejamos as Naçoens visinhas.

Inglaterra, e Hollanda não tem sedas, porque a natureza negou esta produção aos seus Climas, e assim as recebem das terras, que as produzem; mas o que a Arte pôe em obra destas materias, procurão cuidadosamente ter em abundancia; porque, se as forão buscar lavradas para seu uzo, custar-lhes-hião muito mais do que valem as drogas, e fazendas, que comião por ellas.

França não tinha seda, mas era capaz de a produzir; vinhão-lhe de Italia as roupas de seda para seu uzo. Henrique IV, não menos glorioso por esta obra, que pelas victorias, fez plantar as amoreiras, e crear os bichos: chamou a França com grossos salarios Mestres de diferentes partes, introduzindo esta Arte e fabrica em França; de sorte que hoje, o que valle esta Arte he a sua maior riqueza. O Marquez de La Riviere, Residente de Genova em Pariz, me disse que antes de haver as fabricas em França, tinha Genova duas mil Teares, e que hoje tem só quatrocentos. Li em hum livro impresso em Pariz no anno de 1655 sobre a Arte da seda, o Decreto passado no Conselho de Henrique IV sobre a introdução desta fabrica, e achei nelle todas as razões, em que se funda este discurso: as palavras são as seguintes, passadas fielmente á nossa lingua.

„ El-Rei no seu Conselho, reconhecendo que
„ a introdução das sedas nas terras do seu domi-

„ não, he o unico remedio para evitar a sahida
„ de 4 milhoens de ouro, que todos os annos pas-
„ são as Naçoens Estrangeiras pelas sedas; e que
„ era necessaria esta Arte ao decoro publico, e
„ para a riqueza e occupação de seus Povos, Or-
„ dena &c.

Os Venezianos são tão cuidadosos de que tudo o que a Arte acha de novo fora de Veneza, se obrè na sua republica, que no mesmo tempo prohibem a entrada das Obras novas, e procurão Artífices dellas; porque tem por felicidade, e riqueza, que os Estrangeiros não levem ao seu Estado cousa alguma, que dependa da Arte: o ultimo exemplo são as Cabeleiras, cujo uzo prohibirão, com excepção das que se obrassem em Veneza.

Em França ha hoje este mesmo cuidado. Vieira no meu tempo a Paris humas rendas de Italia, a que chamão ponto de Veneza; começaram a ser moda, com grande despeza dellas: acodio o governo com grande remedio, e introduzindo a Arte com todo o custo, e premios a quem melhor obrasse; e prohibindo a entrada com tal rigor, que se queimavão em Praça publica as que se achavão nas casas dos mercadores; com que, as rendas, que entravão por mercancia, sahõ hoje de França por mercancia.

Os Genovezes observarão ha pouco tempo que os pannos de Inglaterra, e Hollanda lhes tiravão o dinheiro da Republica; introduzirão huma fabrica, emprestando a Republica aos Officiaes, e Mercadores, a que a encomendarão, 1500 escudos: tiveram industria para tirarem obreiros de Inglaterra; e se achão já com tantos pannos, e tão finos, que os navegão com grande utilidade á Turquia.

A grande riqueza de França procede unicamente de que, tendo muitos fructos necessarios ás outras Naçoens, procurão ter todas as Artes, que

nellas observão; para que o dinheiro, que entra pelos fructos, não saia pelas Artes; e passa este cuidado a tanto, que El-Rei manda Francezes a Escolas de pintura, e esculptura á Lombardia, e Roma, dando aos Mestres, que as ensinão, para receberem os Francezes, grossas pensões.

Grotius, Embaixador de Hollanda em França, deu a El-Rei huma memoria, em que por meudas addições do que metião os Holandezes, e do que tiravão de França, mostrava, que era tal o valor dos fructos, que tiravão, que, metendo muitos, erão obrigados a meter 10 milhoens de libras em dinheiro; porque nada, ou pouco do que depende da Arte metião; e perguntando eu, como recuperavão a somma de 10 milhões de libras, me disse que com o grande interesse, que tiravão de navegar os mesmos fructos ao Mar Báltico, e ao Porto de Archangel em Moscovia.

São infinitos os exemplos, com que podera provar este capitulo, mas estes bastão para que nos perguntemos a nós mesmos, como pôde ser danoso ao nosso Commercio o que praticão todas as Nações, e he procurado cuidadosamente de todas, como fundamento de suas riquezas? Cuius que não acharemos razão contraria; e que veremos, que o nosso descuido neste particular he o damno unico do nosso Commercio, que como febre ethica do Corpo da Republica, nos consome, e nos perde. (Queira Deus que me engane!)

Deixei para o fim da primeira parte deste discurso advertir, que os estrangeiros entendem tão-bem a perda, que terão, da introdução das Artes neste Reino; que mandando eu de Paris hum Mestre de Chapões de Castor a Lisboa, por Ordem do Marquez de Fronteira, o Consul Francez lhe offerreceu perdão de hum delicto, que tinha em França, e huma pensão de mais de 3000 reis, com que o fez tornar para França; e procurando D. Fran-

cisco de Mello em Londres mandar hum tear de meias de seda, não pôde vencer as difficuldades, e prohibiçoens, com que o impedirão.

Continuar-se-ha.

*Branqueação da Cera. Por D.****

SE bem que não tenhamos ainda todos os dados, para publicarmos as tentativas, que temos feito, sobre o fabrico das velas, tanto de cera, como de cera e sebo, e desta ultima substancia inormente sobre as velas de sebo de pavio de pão, usadas e fabricadas em Munich, começamos por publicar o modo de branquear a cera, empregado em Limoges, fazendo como primeira parte da memoria que pretendemos dar sobre o modo de fazer as velas; e se bem que por muitos livros andem os diversos methodos de branquear a cera, não me parece de saerto publicar o que se pratica em Limoges.

Derrete-se a cera amarela em agua, deixa-se depor em huma tina durante duas horas; a agoa com as fezes buscão o fundo da tina, e a cera se enrola em hum cilindro, que se faz girar dentro d'agua fresca, e poem-se em fitas muito finas; estas separadas com cuidado, são levadas em panos ao sol, que opera com tanta mais efficacia, quanto os seus raios tem só que penetrar laminas mui delgadas, e gradualmente vão decolorando a cera.

Quando o sol he muito ardente, amolece a cera, e muitas vezes a derrete, de sorte que ella não pôde enão adquirir toda a brancura, de que he susceptivel, e pelo contrario no Inverno, quando os raios do sol são obliquos, obrão com muito vagar: assim a branqueação da cera exigiria que nem mui viva, e nem mui fraca fosse a acção do sol.

Quando a cera perdeo a sua cor amarelta, torna-se a derreter de novo, as partes as mais finas, e mais secas sobrenadão ás mais crassas, que se precipitam na tina, e se vão por entre a agua e a boa cera; e essas partes crassas fórmão a quebra de hum em cincoenta.

Tendo a cera passado por esta segunda manipulação, põem-se em fitas de novo, e de novo se expõem á acção do sol; oito dias bastão para que essas fitas já branqueadas cheguem á sua perfeição, então he tirada dos secadoiros, e acaba-se de clarificar. Reduz-se por fim a cera a pequenos paens, que se expõem ao sol durante vinte e quatro horas quando muito; tanto para fazela secar, quanto para dar-lhe o ultimo lustro. Estando a cera perfeitamente branca, não deve ficar por mais tempo ao ar. Os raios do sol não fazem então mais, do que desmanchar a sua primeira obra, danão ás laminas da cera humma cor griz, que augmenta á proporção que se demora exposta ao ar.

Persuadem-se alguns que o orvalho branquea a cera, porém a experiencia mostra que esse meio não he eficaz, porque tendo-se a cera recolhida, e vedando-se por muito tempo com orvalho apanhado das follias, não se notou que branqueasse; he verdade que nos grandes calores o orvalho he convém, mas he como rega, e temperando os ardores do sol.

Os cerciros, que regão ou borrião a cera com agua fresca, não o fazem porque ella com isso alveja, mas para impedi-la de derreter-se. Nas estações quentes, o orvalho he inutil, e retarda a branqueação.

Tentou-se branquear a cera por meio do acido muriatico oxigenado, porém nunca se obteve o brilhante, que ella ganha ao sol; o acido faz prompta e imperfeitamente o que faz o sol com

vagar, mas com perfeição, além do que, quando assim não fosse, o acido muriatico oxigenado pelo preço que tem entre nós, não faria conta.

Não ha corpo estranho algum necessario á preparação da cera, nem materia ou amalgama, que accelere e augmente a sua alvura; pôde sim augmentar o pezo, em proveito do cerciro de má fé.

O methodo de branquear a cera aqui publicado he seguido em Limoges com muita ventagem, e a sua pratica não envolvendo difficuldade alguma, estou em que val a pena de ser tentada: está da parte do que dezeja ser util manifestar o que sabe, e da parte das pessoas, a quem se dirige, examinar, e adoptar, se virem que d'isso podem tirar vantagens.

LITTERATURA.

A TEMPESTADE.

*Canção no dia dos annos da Fidelissima RAINHA
Nossa Senhora em 17 de Dezembro de 1797.*

*Horrida tempesta calum contraxit, et imbres,
Niveaque deducunt Jovem:
Nunc mare, nunc litore
Trecio Aquilone sonant.*

Horat. Epod. 13.

FRACO batel em tormentosos mares
Vou sem vela, sem leme, e sem piloto:
O turbulento Noto
Revolve as ondas, e as eleva aos ares,
E Barcaes, que em tufoens sobir costumam,
Borrifa os Astros co' a saigada espuma.

O feroz Euro, o Africo atrevido
Quebrão ferrolhos, e prisens eternas
Nas Eolias cavernas,
D'onde saem com horrido bramido,
Varrendo, e devastando em dora guerra
As campanhas do mar, e os fins da terra.

He este o vão, o rouco vão, que habitão
Surdos naufragios, e implacaveis medos:
São estes os rochedos,
Que o vasto golfo sorvem, e vomitão,
E já sobre os perigos horrorosos
Ouço da infame Scylla os caens raivosos.

Turba-se o ar, as nuvens se amontoão
Da negra tempeste ao fero açoute:
Do Erebo surge a Noute,
O horror e as sombras: os rochedos soão,
Estála o Ceo, e o raio furibundo
Desce inflammado a ameaçar o Mundo.

Ao clarão do relampago apparecem
No fundo pégo de Nereo as cascas,
E sobre as fuscas azas
Das grossas nuvens os chuveiros descem;
E em tanto, ó lenho, combatido tocas
As Estrellas no Ceo, no Abismo as Phocas.

O' Genio tutelar, Astro brilhante,
Que enches de luz o Imperio Lusitano,
Aparta o fero danmaq
Da destrocada quilha fluctuante,
E o fragil resto do batel quebrado
Toque feliz o porto desejado.

E em quanto alegre a inclina victorisa
Vai seguindo os teus passos, e a Piedade,
A candida Verdade
As Graças, a Justiça, a Fama, a Gloria,
E o prazer immortal, que o Ceo reserva
Ao Real coração, que a Paz conserva:

Ergue benigna a Mão, Rainha Augusta,
A poderosa Mão, a quem adora,
E teme o Occazo, a Aurora,
Os frios Polos, e a Região adusta;
Ampara o novo Genio Americano,
Que sobe a par do Grego e do Romano.

Sobre o Ménalo as Muzas o educarão
Para cantar a gloria dos Monarcas:
Mas logo o Tempo, e as Parcas
Negro fel nos seus dias derramarão,
Falta o suave alento à curva Lyra,
E já cançada de chorar suspira.

Voa, canção, á nobre foz do Tejo;
Não temas ir de climas tão remotos,
Pois te acompanhão os meus puros votos.

M. I. S. A.

No dia da inauguração da Estatua Equestre de El-Rey N. Senhor D. José I.

O D E.

PENDE de eterno loiro
Nos vastos ermos da espinhosa estrada
Suave Lyra de ouro,
Que do Phrigio Cantor foi temperada.
Dá-lhe o som, corta o ramo, e cinge a frente,
O' da America inculta Genio ardente.

Arrastando Agarenas
Luas pelos teus campos, Lusitania,
Qual o Rei de Micenas
Sobre os vencidos muros de Dardania,
Torna cercada do seu Povo intonso
A sombra invicta do primeiro Affonso.

Veste dobrada malha:
Tem no robusto braço o largo escudo:
Inlta terror espalha,
Tinto do Mauro sangue, o ferro agudo.
Eu ouço a tua voz, raio da Guerra,
E os teus echos repito ao Ceo, e á Terra.

O' bravos Portuguezes,
Gente digna de mim! a Fama, a Gloria,
Buscada em vão mil vezes,
Vos segue sempre, e os loiros, e a Victoria:
Ou vós domeis dos Barbaros a sanha,
Ou os fortes Leons da altiva Hespanha.

Vistes ligando as tranças
No berço ainda de Titan a Espoza;
De escudos, e de lanças
Em vão Asia se criza; e temerosa
Escuta o bronze, com que a negra Morte
Enche de espanto as furias de Mavorte.

Mas hoje, ouzados Povos,
Dai altas provas do valor antigo,
Tendes combates novos,
Encarai os trabalhos, e o perigo;
Quem as armas vos deu, quem tudo rege,
Do Ceo estende a mão, e vos protege.

Fallava o bellicoso
Illustre fundador do grande Imperio,
E o ferro victorioso
Vibrando, encheo de luz todo o Emisferio.
Já mugem as abobodas eternas,
E os echos se redobão nas cavernas.

Para engolir os Montes
Gargantas abre o Mar: a Terra treme:
Cobrem-se os horisemes
De negro fumo, e pó: a Esfera geme,
E eu vi (al justo Ceo!) sobre ruinas
Desafalecer as vencedoras Quinas.

Chovem cruéis abutres,
E monstros infernaes de rapa amphibia;
Quaes nem, Cauceas, nutres,
Nem vós, torradas solidões da Libia.
Dormes, Lisboa, e nos teos braços cinges
Hydras, Chimæras, Gerboens, e Sphynxes!

O Parricidio arvorá
Triste faccha no impuro Averno accesa:
Esconde o rosto, e chora
Infeliz Lezidade Portugueza;
Mas Affonso o predisse, o Ceo não tarda,
E novo Alcides a taes Monstros guarda.

Aos seculos futuros,
Intrepido Marquez, sirvão de exemplo
Vossos trabalhos duros,
Longos, inscriveis, que da Fama o Templo
Tem por estranho, e glorioso ornato,
Onde não chega a mão do tempo ingrato.

Esta em crimes famoza
Arvore, que engrossando o tronco eterno,
Já feria orgulhoza
Co'a rama o Ceo, e co'a raiz o Inferno,
Ao ver a Mão, que acêzo o raio encerra,
Murcha, vacilla, pendê, e cae por terra.

Fogem do roto seio
Guerra, Morte, Traição, Odio, Impiedade:
O sol teve receio
De ver o rosto a tanta atrocidade,
Cahió em fim, e ouviu-se o estrondo fero
Desde o Scytico Tauro ao Caspe Ibêro.

Longe nuvens escuras
Arrogem sobre os mares os coriscos:
Deixem subir seguras
Altas torres, soberbos obeliscos,
D'onde a nova Lisboa ao Mundo canta
A mão robusta, e firme, que a levanta.

Vapores empestados
Derramão n'outros climas o veneno;
Sobre os risinhos prados
Respira alegre o Zefiro sereno;
Abre a Paz os thesouros de Amalthêa,
Tornão os tempos de Saturno, e Rhêa.

O' mármorea Lisboa,
Nova Roma, que adoras novo Augusto!
Feliz a Patria enca
O magnanimo Pai, o Pio, o Justo,
E sua imagem vai cheia de loiros
Inspirar gloria aos ultimos vindoiros.

O' Bronze, O' Rei, O' Nome,
Esperança, e amor do Mundo inteiro!
Do tempo a voraz fome
Respeita a Estatua de José Primeiro:
Que não deu menos honra ao Lusó Solio,
Que as delicias de Roma ao Capitolio.

Pôde o volver dos annos
Mudar a face á Terra, ao Mar o leito;
Izento de seus damnos
José o Grandê irã de peito em peito.
Outro Tito quebrou entre os Monarcas
A fonte ao Tempo, e a Tizoura ás Parcas.

Que Sparta bellicozza
Veja cahir seus muros, que renasça
Na terra generozza
Do Sybarita vil a froxa raza;
O nome do bom Rey contra as Idades
Dura mais que as Naçoens, e que as Cidades.

EUPRAZIA A MELCOUR

EPISTOLA

Tradução de Botega.

NUNCA mais vos verei, olhos que adoro!
 Olhos, onde colhi doce ternura!
 Olhos que para mim valiais tudo!
 Suave nutrição de meus desejos!
 Nunca mais vos verei! Que horror! Que idéa!
 Ah! Castigai-me por amar-vos tanto!
 Objecto encantador, fatal objecto,
 Guiados da paixão, lá te demandão
 Mens ais, e cá me feço dentro n'alma
 Solitário pavor, funesto agouro
 De que lá para mim não há ventura.
 Faltava-te infeliz, seres deixada,
 Faltava-te este mal depois de tantos!
 Recozido que languida esperança
 Afague, lizonjeo o meu tormento,
 Me diz o coração voz dura, e triste:
 Cessa de amar, oh credula, que esperas?
 Que fructo hão de render-te os vãos lamentos?
 Debalde com mil votos, mil suspiros
 Pelo teu surdo Ingrato estas chamando;
 Em rapido Baixel talleado as ondas,
 Na Patria já surgio: descança, e folga
 A's ledas margens do agradável Sena.
 De si não quer amor, não quer extremos:
 O fero vencedor, mísera Escrava,
 No regalo da Paz em teu desdouro
 Dorme sobre troféos, que já desdenha;
 Nem se choras, ou não, se quer lhe importa...
 One! Traidor, e esquecido! Ah! Não, teu genio
 He volvel, meu bem, não he tirano.
 Na memoria contemplo os teus desvelos:
 Que encantadores, e incansaveis erão!

Amei-os, gloria minha, amei-os muito
 Para desvanecer tão grata idéa!
 Estas fiéis, terrissimas lembranças
 Devião converter-se em dor, e em pranto?
 Que noticia meu Deus! Que horrivel carta!
 Li-a: fiquei sem voz, sem cor, sem alma.
 Como que o coração desfeito em ancia
 De mim se despegava, a ti corria!
 Eis socorros fataes, eis prompto auxilio
 A vida a meu pezar me restituem:
 Ufana em me sentir morrer de amores,
 Já triumphava da cruel, da triste,
 Precizão de carpir na tua auscencia.
 E de tão fino amor he este o premio?
 Não importa! Eu jurei ser sempre tua,
 Sempre hei-de selo: limita-me a constancia,
 Vê com rosto indifferente as mais bellezas.
 Ah! Poderás sofrer em outros braços
 Paixão, que no fervor não chegue a minha!
 Mil vezes me louvastes de formoso;
 Outras há mais gentis, mas não tão firmes;
 O amor, que reina em mim, não reina em outras.
 E, se amor se exceptúa, o mais he nada.
 Recorda o juramento que fizeste
 De vires consolar a Amante adlia;
 Não, não sejas perjuro... Ah! se tu podesse,
 Rotos os ferros deste claustro odioso,
 Arremessar-me a foz do Patrio Tejo.
 Ninguem me detivera: em outras praias
 Iria apaziguar minha amargura,
 Idolatrar Melcour em toda a parte,
 Renascer nos teus braços: que he, que importa?
 Esse bem casual que chamão Patria!
 Patria he onde o prazer nos acompanha...
 Sei o que digo, oh Ceos! Sei o que penso!
 Ah! Não quero nutrir esta esperanza,
 Inda que adoça o fel de meus desgostos:
 Tudo quanto os distrae detesto, expulso.

Mas dize, arrebataste-me os sentidos;
 Venceste-me, cruel, para entregar-me
 A' desesperação, e á dor, e á morte?
 Porque com mil excessos me encantaste,
 Sabendo que esta ausencia era forzoza?
 Porque no meu retro escuro, e feio
 Me não deixaste em fim? Que atroz delicto
 Cometi? De que pñsa estás queixoza?
 Que te fiz eu? Perdoa-me, querido.
 Perdoa: do meu mal tu não tens culpa:
 He teu fado agradar, prender vontades;
 Carpir, morrer de amor he o meu fado;
 Delle formar não ouzo a menor queixa,
 E eis oh Ceos! o maior dos meus tormentos.
 Não tenho que temer já agora a sorte!
 Que mais me ha de tramar, que novos danos,
 Se o ultimo, o peor foi separar-nos?
 Escreve-me por dó; sejão-te, embora,
 Molestas minhas supplicas, eu quero
 Miuda relação de quantas ditas
 O Ceo te conceder; quero gozallas:
 Mais que tudo te imploro o ver-te hum dia;
 Se não tentas, meu bem, ser meu verdugo,
 Deixa-me conservar esta esperanza;
 Mesmo assim duvidoza ella me he doce:
 A Deos! A carta, que a genitor te envio,
 Vai de suadozas lagrimas banhada;
 Não a posso acabar... Quanto he ditosa!
 A's tuas mãos irá: teus olhos brandos
 Nella se hão-de empregar... E eu, miseravel...
 Ah! Que insanias profiro! O peito abafa,
 De pranto, e de soluços carregado...
 A morte... Pelas veias... Me circula...
 Porém se es meu, se a lagrimas te obrigo,
 Das almas fortes opporci o escudo
 A quantos golpes vibre a mão dos Fados.
 Sobre este coração fervei, tormentos,
 Mas vinde, mas voai á triste Eufrazia,
 Suspiros do seu bem, tezoiros della.

HISTORIA.

Noticia das novas Povoações de S. Pedro de Alcantara, e S. Fernando, civilização da nação Macamecran; estrada para o Pará.

SEndo o principal objecto deste Periodico fazer conhecer este continente, tão ignorado, ou tão desfigurado por aquelles, que as Cegas, ou prevenidos, tem escrito a seu respeito, e dezejando aproveitar todas as noticias veridicas, que chegam á nossa mão, temos hoje a satisfação de apresentarmos ao Publico os progressos da povoação e civilização dos lugares mais centras, há pouco desertos, ou infestados por nações barbaras e feroces. No N. 65 da Gazeta desta Corte, demos huma idéa do estabelecimento da povoação de S. Pedro de Alcantara, e da obediencia dos Indios *Macamecran*: mas a pequena extenção daquella folha não nos permitia expôr circumstanciadamente as providencias, que se haviam dado, e os resultados daquelle importante serviço. O nosso Jornal encherá este destino, e ambos os periodicos serão hum argumento victorioso das intenções, das unicas intenções do seu Redactor. O que imos referir he fundado em documentos authenticos, e da maior fé. Temos consultado papeis originaes, e firmamos com o sello da verdade a nossa exposição.

Francisco José Pinto, natural do arrabal da Natividade, da Comarca do Norte da Capitania do Goyaz, distante do Porto Real do Pontal (porto de embarque para o Pará) vinte e seis legoas, frequentou aquella navegação, fazendo seis viagens á Cidade do Grão Pará por objectos commerciaes; e tirando d'alli o conhecimento das vantagens, que resultarião da povoação das margens do rio Tocantins, se estabeleceu em hum lugar tres legoas abaixo do rio Manoel Alvares, na margem Oriental

dos Tocantins, creando huma povoação, a que deu o nome de S. Pedro de Alcantara, 79 legoas em distancia do Porto Real do Pontal, e por insinuacoes suas concorrerão alli outras pessoas costumadas ao trabalho e á vida do sertão, de maneira que em 1810 se compunha a povoação de 42 pessoas. Construidas as habitaçoens, se cuidou em estabelecer officinas, fazer plantaçoens, erigir huma casa de oração, e outros misteres. A vantajosa situação daquella povoação he ainda mais preciosa pela abundancia de matos, que fornecem as melhores madeiras, de pastos para criação, e de abundancia de pescado, sendo hum consideravel ramo de commercio a tartaruga, de alto preço, e facil extracção no Pará. A experiencia tem mostrado que as plantaçoens produzem mais, e com menos trabalho, do que nos matos conhecidos de toda a Capitania de Goysz, e são tão excellentes os pastos, que o gado vacum para alli transplantado, sem estranhar a mudança, tomou melhor nutrição; e o terreno em geral he cortado por correços e ribeiros, que ministão agoas puras e saudáveis, e podem empregar-se em mover engenhos. A estas vantagens accrescia a facultade de prestar soccorro aos navegantes daquelle rio, que a fadiga e a fome incommodavão em extremo.

Todos estes interesses são porém equilibrados pelo trabalho de ter sempre na mão as armas, e viver em perpetua allarma contra as hostilidades dos gentios, e pelas fomes, trabalhos, e sustos, que aquella gente soffreu antes de concluidas as cazas de vivenda, e colhidos os mantimentos. Para remediar o primeiro mal era necessario conquistar, ou acariar o gentio, e a constancia no amor do publico vence todas as difficuldades.

Conquista de Gentio Macamecran.

A Nação do Gentio Macamecran estava alojada em duas aldeas em distancia de tres legoas da nova povoação de S. Pedro de Alcantara. Esta nação, a quem erradamente chamavão Timembós, era temida por todos os fazendeiros dos sertuens da Balça, Grajáhu, Neves, Lapa, e Farinha, territorio pertencente á Capitania do Maranhão, pelas hostilidades que alli fazião; e empeçoem ao principio ao novo Colono, este em vez de o perseguir, empregou ninios e ofertas, que a chamarão á sua amizade, de maneira que, abandonando as suas aldeas, vierão estabelecer-se nas vizinhanças da povoação, dentro da qual está frequentemente grande numero delles. Perseguido por outras naçoens Indias, quaes a Xerente, Xavante, Canacatagé, Norocagé, Poxeti (antropophaga), Porocamecran, e Curamecran, acolherão-se os Macamecrans á protecção dos Portuguezes, que os auxilião em tres expediçoens contra os Canacatagé, e Norocagé, com a mira porém de não destruír, antes conquistar os inimigos. Para este fim o activo Colono estabeleceu premios para os guerreiros, que conduzissem vivo o seu inimigo; e desta precidencia resultou seven apripionados 52 Indios das ditas naçoens, que forão repartidos pelos fazendeiros visinhos, instruídos na nossa lingua, doutrinaados na Religião, e educados nos usos e costumes; e temos a satisfação de annunciar que amaciados e contentes se dão aos trabalhos da agricultura, não avendo fugido hum só para as suas aldeas, como muito facilmente poderião fazer. Merece notar-se a prudencia com que o dito Pinto se absteve de empregar armas de fogo, servindo-se de foguetes, rodas, e outros artificios, que atterráo os inimigos, e derão aos Macamecrans muito prazer.

A nação dos Macamecrans tem mais de 300

Indios: he governada por hum Chefe, ou Cacique, cujo governo he hereditario; tem 7 cabos de guerra: nada se sabe da sua religião; consta porém que são decuís e leves: procurão a perla instruir-se na nossa lingua, usos, e costumes, de sorte que já se baptizão 8, hums a instancias de seus pais, e outros por mota proprio; são amantes do trabalho, e té empregão de bom grado nas tarefas, que se lhes destinão. Depois da sua entrega, ficarão ainda debaixo do governo do proprio Cacique, que he exactamente obedecido. Odêio bebidas espirituosas, e se alguns comião terra, provinha este costume destructivo da falta de alimentos, pela pobreza das plantações, e pela incerteza da caça e da pesca. Agora porém fornecidos de instrumentos, de que carecião, tornados úteis á sociedade, cultivão a terra, e esta lhes paga liberalmente os seus suores. As insinuações de outros Indios para os separarem da amizade do *Pabi*, nome que em sua lingua quer dizer Senhor, e com que tratão o mçãoado Pinto, tem sido intencionalmente estereis, mostrando em occasiões arriscadas desempenhados estreitamente os sentimentos da humanidade.

Esta aquisição, por tantos titulos importante, interessa ainda mais, quando, além de se verem aquelles terrons despejados daquelles inimigos; correm os fazendeiros das ribeiras do Tocantins, cheios de prazer, a offerecer os seus socorros para a conquista dos outros Indios, auxiliada pelos novamente conquistados; e he de esperar que cooperem efficazmente, assim á abertura de caminhos, como á conquista de outras nações.

O Rio do Sono, que da parte Oriental desza no Tocantins, e que dista do Pontal 36 legoas, e da povoação de S. Pedro da Alcantara 43, he huma situação muito agradável, bons ares, saudável, com abundancia de matas e campos, e neste sitio se esabaleceu outra povoação denominada

de S. Fernando; 60 pessoas tem sido convidadas para Colonos, e entre esta povoação, e o ribeirão chamado Machado se criou huma fazenda de gado vacum. Desde este rio do Sono até a Ilha de S. José, em extensão de mais de 40 legoas se tem estabelecido muitas familias, sendo a maior parte domiciliarios da ribeira da Capitania do Maranhão, e que conduzem para as margens do Tocantins muitos gados, contando-se só 500 cabeças conduzidas pelo Capitão Antonio Moreira da Silva, que S. A. R. se dignou de ter em Sua Alta Consideração.

Caminho de terra para o Pará.

A Navegação dos rios he o meio mais obvio da communicação do interior; sem embargo cumpre não desprezar os caminhos por terra, que a certas vistas são vantajosos. O rio Tocantins trás sem duvida grandes vantagens ás Capitánias de Goyaz, Pará, e Maranhão, mas o estabelecimento de correios, a exportação de generos de muito volume e pouco pezo, e a condução das boiadas, assim para sustentação das Capitánias beira mar, como para os serviços da lavoura exigem estradas por terra, que em periodos determinados condução e hum dado prazo. Propoz-se por tanto o activo Pinto de concluir a estrada de Porto Real do Pontal de Goyaz até a Povoação de S. Pedro de Alcantara, sitio onde ha que passar os dois rios do Sono e Manoel Alvares - seguindo por campinas, sómente entrecortadas pelo rio da Farinha até a borda da matta geral; e abrindo caminho pelo interior da matta, entre os rios Tocantins e Moju, ao longo do ultimo, até o lugar onde este faz barra no furo do Guarapameri, ou pouco acima: dahi se vai á Cidade do Pará em duas marés e meia: de maneira que a jornada do Porto Real do Pontal até o Pará se fará (segundo experiencias

do mesmo) em animaes carregados; em 32 dias de marcha.

Viagem do Porto Real a Maranhão.

JA se disse que do Porto Real do Pontal até a nova povoação de S. Pedro de Alcantara ha 79 legoas; que pelo rio se vencem em 4 ou 5 dias; desta até á Caxocira no rio Grajaú se vai em 4 dias; e daqui pelo rio abaixo, sem cachoeiras, nem embarço algum até á freguezia de Miarim se gastão 8 dias; e deste em duas marés se chega á Cidade de Maranhão, sendo a viagem do primeiro porto até esta Cidade de 18 a 19 dias, mormemente nos mezes de Novembro até Maio.

Noticia dos Genticos, que povoão estes Seretões.

O Gentio Xerente tem as suas aldeas em campinas nas margens do rio Tocantins, acima do rio Manoel Alvares, do lado Oriental; occupão as campinas entre Tocantins e a Serra geral, e da outra parte em campos geras. Os moradores do Norte de Goyaz, são infestados por estes barbaros, que attacão os mesmos navegantes pelo rio Tocantins, chegando até ás ribeiras da Lapa, e da Balça, pertencentes á Capitania do Maranhão, onde levão a morte e o roubo. Povoão duas aldeas em grande numero, e se ligão com os Xavantes, que havendo já estado aldeados em Goyaz na aldeã do Carretão, fugirão conhecendo a nossa lingua, armas, usos, e costumes, de que se prevaleceo para empacer-nos, engeitando todas as propostas de paz; e até irritando-se com a amizade, que contrahirão os nossos com a nação Macamecran sua inimiga implacavel.

Além destes gentios existem entre a dita povoação de S. Pedro de Alcantara e a beira da Mat

ta Geral as naçoens *Canacategé, Crurecamécran, Porcamécran, Xocamecran, Pucategé, Puicibégé, Ajé, Crangé, Piscamécran*; semelhantes na lingua, usos e costumes á nação Macamecran. Entre Tocantins, e Araguaya (húmas go legoas), e da nova povoação até á junção destes rios, habitão as naçoens seguintes, *Poxeti, Naroqagé, Apinagé, Carajá, Corti*, barbaras e feroces. Tres Índias da nação *Noroqagé*, que furo apisionadas, agasalhadas, e doutrinadas, serão facil instrumento da conciliação daquelles selvagens; huma destas recurtando voltar á sua aldeã, as outras duas se encaregão de reduzir os seus, e conduzi-los d'alli a a luas. Os *Poxetis* são antropophagos; os *Apinagés* são mui numerosos; tem 16 cabos de guerra, de muito valor, cujos nomes são, *Puratare, Piquedpa, Peeperanso, Tepueriti, Tocamecá, Caneriti, Curcanti, Panhacate, Tanti, Inocera, Isiaqueti, Croroti, Icranxaire, Orantahaca, Orumeté, Veleiti*, e infelizmente se lhes tem aggregado muitos Christãos desertores das Capitánias vizinhas. O mesmo acontece ás naçoens *Carajá, e Corti*, mormente á ultima, que usa de espingardas contra nós, e por tanto parece que estas naçoens só á força de armas serão levadas.

A isto se reduzem as noticias, que deu o referido Francisco José Pinto, e que mereceo a Alta Contempiação de S. A. R., e os elogios do respectivo Capitão General. Por huma Carta Regia dirigida a este Capitão General, Foi S. A. R. Servido estender aos habitantes das margens do rio Grajaú os privilegios concedidos pela Carta Regia de 3 de Setembro de 1811 aos das margens dos rios Maranhão, Tocantins, e Araguaya, louvando o patriotismo, com que o referido Pinto ercou aquella nova povoação, que tanto facilitia a navegação do mencionado Grajaú, e abrevia a communicação da Capitania de Goyaz com a de Maranhão.

A perspectiva, que começa a apparecer, do Brazil communicado por facéis estradas, e pela navegação de grandes rios; a consoladora esperanza de ver tantas naçoens barbaras, que infestão este Continente, despidas da natural fereza, tornarem-se sociaveis, e augmentarem o numero dos vassallos de S. A. R.; a idéa lisonjeira da prosperidade da agricultura, do estabelecimento das artes, da extensão do Commercio; não são já sonhos de hum patriota, a quem o amor do seu paiz inflamma, e anima; sobre felicissimos começos, sobre progressos agigantados se estribão os nostros agouros; e se não podemos de outra sorte concorrer para estes grandes fins, seja ao menos o nosso empenho louvar as Sabias Providencias de S. A. R., o zelo dos Seus Delegados, e a constancia com que os Seus vassallos se esmerão em corresponder aos benignos dezejos do Seu magnanimo coração.

Exame de algumas passagens de hum moderno Viajante ao Brazil, e refutação de seus erros mais grosseiros, por hum Brasileiro.

Chegou á nossa mão huma Obra em Inglez, que tem por titulo, *History of Brazil, comprising a geographical account of that country, together with a narrative of the most remarkable events, which have occurred there since its discovery; a description of the manners, customs, religion, &c. of the natives and Colonists; &c. By Andrew Grant, M. D. Lond. 1809.* Este frontespicio nos deu as mais lisonjeiras esperanças de augmentar os nostros conhecimentos em hum objecto, que com tanto interesse havemos meditado, e sobre o qual havemos

consultado os manuscritos mais recomendaveis. Porém começando a ler a Obra, fiquei persuadido que outra vez me acontecia o que quasi diariamente tinha lugar, quando cheguei a Lisboa. Gritava hum ce-go em voz muito afiada o annuncio de hum entremez, acrescentava huma grande lentidão, que rematava sempre com as palavras — *Forse obra he esta!* Mas dados os 40 reis, não encontrava mais que frioleiras. Outro tanto me aconteceu com o Sr. Grant, com huma só differença, que este attaca deshumanamente costumes, que não conheceu, e não ignorante no physico, como no moral do Brazil, copia servilmente erros já assalvados por outros escriptores, e no mesmo que diz, ter visto, mente. Parecerá muito foute e insível esta palavra: he Portugueza, e creio que enche muito bem o seu destino. Hum viajante que imprime as suas viagens no anno de 1809, errat! Sim meu leitor.

Et crimine ab uno

Disce omnes.

Todavia para despir-me daquella sermoneira, de que os meus inimigos me arguem, encaremos as noticias, em que se escreva hum destes viajantes, e ao clarão da critica vejamos a probabilidade, que merecem. Tal homem, dotado por ventura de alguns conhecimentos de historia natural, entra em hum paiz desconhecido e vê pequenas amostras de productos naturaes, avista (como pôde examinar) em hum ligeiro trajecto pessoas talvez da ultima relé, deixa-se levar das apparencias grosseiras, que muitas vezes são capa de hum interior virtuoso, e pernitoando, ou transitando por huma Cidade, huma Villa, ou ainda hum lugar, se gaba de conhecer os costumes até do todo dos habitantes. Presumpção louca e temeraria, mas bem ordinaria no nosso Seculo! Hum, guiado por espirito mercantil, commercia em sordido contrabandista, e paga esta infração da boa fé com improprios aos em-

pregados publicos, cuja probidão empece aos seus interesses. Outro recebe hum gualhado (pode mais alicero), e accusa no dia seguinte de crimes atrozes os miseraveis, que para evarem seu appetite se privarão do sustento de semanas. . . Eu suspegar-me ao meu piano, acho muitos na Obra annunciada. Copiando as suas passagens mais falsidades do Author *Inglez*, e me exporei ás satiras de outros. Que me importa?

Nos primeiros Capitulos o A. copia o que referem os authores, que tem escrito, igualmente bem informados, e o seu gula he Raynal, que elle traslada servilmente. Vejamos o Cap. 22. *History has recorded the acts of tyranny and cruelty, that excited the Lsu Countries to attempt to throw off the Spanish yoke. . . Their independence being once firmly established, they attacked their enemy on the remotest seas — on the Indus, the Ganges, and the shores of the Molucas, which constituted a part of the Spanish dominions, since the crown of Portugal have been united to that of Spain.* Lemos a Historia Philosophica e Politica, T. 3. pag. 475 da edição de Hayo 1774. *Toutes les histoires sont pleines des actes de tyrannie et de cruauté qui succederent les Pays Bas contre Philippe III. . . Lorsque leur liberté fut solidement établie, elles allerent attaquer leur ennemi sur les mers les plus éloignées, dans l'Inde, dans le Gange, jusques aux Molouques, qui faisoient partie de la domination Espagnole depuis qu'elle eut embrasé le Portugal au nombre de ses possessions.* . .

Basta esta passagem para vermos a fonte, donde este author tirou, não digo os seus conhecimentos, mas as suas expressões. He para notar que estando a Obra de Raynal tão espalhada, hoje hum *Inglez* que traslade tão fielmente capitulos inteiros! Portanto, eu creio sufficiente notar algumas

passagens, que são mais evidentemente falsas, e erros, que para evitar bastaria ter olhos. Paremos porém hum momento nos

Cap. 8. e 9.

„ O Brazil está agora dividido em 14 provincias ou Capitánias, na ordem seguinte, do Norte ao Sul, a saber, Pará, Maranhão, Ceará, Rio Grande, Paraíba, Tamaracá, Pernambuco, Sergipe de El-Rei, Bahia, Rio das Velhas, *Ponte Segura*, Espirito Santo, Rio de Janeiro, e S. Vicente. . .

Ignoramos esta divisão: nunca ouvimos fallar da Capitania de Tamaracá, nem de Sergipe de El-Rei, &c. Serão Corações? Nem isso. He huma ficção poetica. Todos sabem que as Capitánias do Brazil são ou Generaes ou Simples, as primeiras são Pará, Maranhão, Pernambuco, Bahia, e Rio Grande do Sul na beira mar, e no interior Matto Grosso, Minas Geraes, Goyaz, e S. Paulo. As segundas são Ceará, Piauí, Paraíba, Espirito Santo, S. Catharina, Rio Grande do Norte, ás quaes se ajuntarão Sergipe de El-Rei, e S. Sebastião.

„ Estabelecerão-se seis Bispados em diferentes tempos, todos subordinados ao Arcebispo da Bahia, fundado em 1552. Os Prelados, que enchem estas Sedes são todos Europeos, e os seus salarios, que são pagos pelo Governo, varião de 50 libras esterlinas a 1250. . .

O primeiro Bispado do Brazil foi o da Bahia, creado em 1552 no tempo do Sr. Rei D. João III. até o anno de 1667, em que tomou posse de 1.º Arcebispo daquella Diocese D. Gaspar Barata de Mendonça, a 3 de Junho. Crearão-se depois os Bispados de Maranhão, Pernambuco e Rio de Janeiro, que em 1682 se uniu a Angola e S. Thomé na Africa, se lhe assignarão por suffraganeos. O Bispado do Maranhão, em razão da sua difficil navegação para a Bahia,

fôo suffraganeo ao Arcebispado de Lisboa. Deste mesmo Bispado foi desmembrado o do Pará, creado no tempo do Sr. D. João V, e Pontificado de Clemente XI, ficando este ultimo, bem como o primeiro, suffraganeo ao Patriarcha de Lisboa. Em 1744 a instancia do mesmo Sr. D. João V se desannexaria da grande Diocese do Rio de Janeiro, dois novos Bispados, o de Mariana e o de S. Paulo, e mais duas extensas Prelacias, Goyaz, e Chibabá com Matto Grosso, cujos Prelados gozão de toda a jurisdicção Ordinaria.

Os Prelados tem sido indistinctamente Portuguezes: alguns temos visto Brazileiros, que enchemção, e enchem dignamente os seus lugares. Nunca subtemos porém que houvesse Bispo, que tivesse de salario menos de 2000\$ reis! O de Mariana tem de congrua 8000\$ reis, chegando os seus rendimentos a 160\$ cruzados.

Hum aqueducto de consideravel extenção fornece agua aos habitantes. Ella he trazida sobre os valles por duas fileiras de arcos, hums postos sobre outros, e que dão muito ornamento á Cidade. Nos largos e praças publicas ha fontes, que são acompanhadas de huma guarda para regular a distribuição da agua: porque esta não he sufficientemente abundante para as necessidades dos habitantes; e o povo está muito tempo esperando com baldes primeiro que recebam a quantidade que lhe pertence.

O Sr. Grant parece que nunca esteve no Rio, o que eu creera, se não descrevesse tão fielmente o Vaux-hall do Rio. Não me consta que as guardas tenham por fim regular a distribuição da agua, sim evitar as desordens; nem vi o povo esperando a sua quota parte com baldes. Sonhou o Inglez e escreveu. Será o povo os escravos, que de necessidade hão de esperar pelos que os precedem? Fazem o mesmo em Lisboa os agoadeiros, e pôde ser que em muitas outras partes, e eu já o affirmaria, se me atrevesse a imitar tão digno Escriitor.

„ A indolencia, a desonestidade, hum espirito de vingança, e excessos de todo o genero não são pouco frequentes entre a grande massa do povo, em que as ordens superiores se entregão a toda a lascivia (in every luxury), que as riquezas podem procurar. Accusão os homens de se entregarem à satisfação de appetites depravados e contra a natureza, e as Senhoras de desampararem aquella modestia e reserva, que faz o principal ornamento do caracter da mulher. Esta censura sempre me pareceu demasiadamente vaga, e talvez tem origem no singular costume, que voga entre as Senhoras daquella cidade, de trocarem ramalhetes de flores, que trazem na mão, com os homens que encontram na rua, ainda que totalmente estrangeiros. Tambem tem costume, quando estão sentadas nas barandillas, que cercão as suas casas, ou sãs, ou acompanhadas de suas escravas, lançarem flores sobre qualquer que passa por baixo, que o capricho ou huma inclinação passageira as faz distinguir. Sem duvida deste costume resulto frequentemente as mais intimas relações; todavia eu creio que não se deve concluir daqui que he universal o espirito da intriga entre as Senhoras Portuguezas do Rio. Sabe-se muito bem que em Lisboa as Senhoras se divertem em certos dias chamados *dias de intrusão* (days of intrusion), atirando das suas janelas ramalhetes aos passageiros; e provavelmente foi a imitação de suas maneiras que as mulheres adoptarão esta pratica no novo mundo. . . .

Agora he com nosco! Que bello caracter! Quantos annos estudou este homem o espirito do publico! Vendo a gentalha a seu alcance, composta neste paiz das fezes da Sociedade, porque originaria de nações barbaras, e sem moral, concede hum viajante estrangeiro dos costumes de hum paiz? Infelizmente todos os estrangeiros se copião neste e em muitos pontos. Depois que reina a ma-

niã de fazer livros de livros, perdeu-se a critica, he ociosa a razão, e só importa se outro A. disse aquillo mesmo! Geographos aliã acreditados, Viajantes illustrados, tem trasladado estes improperios. *Mentelle*, author de nome, nas suas *Choix de Lectures Geographiques* T. 5. pag. 363, repete estas mesmas ineptias, e *Guthrie* na sua *Geographia* não duvida copia-las. Não he isto huma razão bastante para corroborar a opinião do Sr. *Stockler* sobre o Sceptismo historico? Hum author, que escreve em 1809, tempo em que o Brazil está franco a todos os estrangeiros, copia os absurdos de authors sem conhecimento do Paiz! O' historia! quem assignará com justiça o grão de veracidade que tu mereces! O A. avança que deste costume procedem as intimas relaçoens, como se estas não tivessem no Rio as mesmas fontes, que em outras partes do Mundo. Porém o que he mais irrisorio he a comparação com que elle quer desculpar este costume. Supponho que o A. chama *dias de intrusão* aos *dias de entrada*, mostrando saber tão bem Portuguez, como os costumes do Brazil. Mas naquelle dia, que em sua lingua se diz *shrove-tide*, não tenho noticia que houvessem semelhantes offerias. Se o A. esteve alguma vez em Lisboa, foi singularmente tratado naquelle dia, ou os chamados ramalhetes terião huma fórma particular, que os fez tanto do seu agrado.

„ As Senhoras assistem regularmente nas Igrejas ás matinas e vespersas; e o resto do dia geralmente passão sentadas á janella. A' noite divertem-se em tocar cravo ou guitarra, com as portas e janellas abertas para entrar a viração; e se hum estrangeiro passa a aquelle tempo, e pára afim de ouvir a musica, costumão os pais, maridos, ou irmãos da bella musica, convidá-lo politicamente a entrar em sua casa. „

Assim como as laranjas, o talco, e outros in-

gredientes deste genero, parecerão a este benigno estrangeiro ramalhetes de flores, da mesma sorte que o immortal D. Quichote vio em huma grossieira Saloia huma rica Princeza: assim tambem este civil estrangeiro achou levado a hum tão grande extremo a devoção das Senhoras, e a sua corteza com os estrangeiros. E que isto se escreva em 1809!

„ Os homens, ainda da ordem inferior, ordinariamente se cobrem com capotes quando sabem fóra; e as classes media e superior nunca apparecem em publico sem espada. Ambos os sexos são perdidos por operas, jogos, e mascarás. „

Estas tres asserçoens são proprias da cegueira do A. Presenciei muitas vezes o pequeno theatro quasi deserto, e a sua maior frequencia era por Europeos, e isto no mesmo tempo em que o A. escreve.

Vamos á esta descripção do passeio publico.

„ Tambem frequentão hum jardim publico situado a beira mar, quasi no fim da Cidade. Este jardim consta de canteiros, arbustos, e parterres, entremeados com arvores, cuja abundante folhage faz huma sombra, que refresca dos raios do sol. Em alcovas, ou caramacheos de madeira pintados de verde, e adornados com profusão das mais bellas e odoríferas plantas dos climas tropicos, descanção *es da moda* no Rio depois da fadiga do seu passeio nocturno. „

„ No tempo seco estas alcovas estão geralmente cheias de companhias, que gozão de huma cêa elegante, á moda Portugueza, durante a qual são divertidas com musica, e algumas vezes demoram os seus divertimentos até huma hora da manha seguinte. No meio deste jardim está huma grande fonte de artificial cascata, ornada com figuras de dois jacarés, que lançã agoa da boca em hum tanque de marmore. Neste reservatorio, pas-

saros aquáticos, bem executados em bronze, parece que estão brincando na superfície da água. ***

O A. parece que pela palavra *fashionable* quiz significar os da ordem media, como se acha em alguns dictionarios, *Having rank above the vulgar, and below nobility*, Johnson.

Grande cousa he ter bons olhos! ou ver por microscopio! Alguns ajuntamentos, algumas cantorias, amplificadas pelo dito Portuguez — Cesteiro que faz hum cesto faz hum cento, fórmão a idéa do A. Quanto ao fogo de artifício ainda não tive a satisfação de vê-lo naquelle sitio. Mas agora começa o bom.

„ Na face deste jardim voltada para o mar, ha hum bello terraço de granites, no meio do qual se construiu outra fonte. Ella tem em cima a estatua de hum menino com hum passaro na mão, de cujo bico cahe a agoa em hum tanque em baixo, e com a outra mão mostra hum papel com a seguinte inscripção: *Sou util ainda brincando.* „ ***

Parece que o terraço fica no extremo e a cascata no centro do passeio! No meio da primeira fonte! Mr. Grant está enganado: a mesma agoa serve á cascata e á fonte contigua, que fica hum pouco mais elevada, e entre duas escadas, que precedem ao terraço.

Rogo muito a este Sabio ornithologico que classifique o passaro, de que faz menção, e lhe digo para sua guia que o dito passaro não tem pennas, nem azas, e em Inglez se chama *a tortoise*: peço-lhe porém que não diga o seu nome em Portuguez, porque hum erro de Prosodia o faria excitar o riso, ou o enjoo. O bico ou rostro do tal passaro he semelhante ao de hum lagarto. Na verdade he formosissimo! O tanque he cylindrico, e tem vulgarmente o nome de barril, e não he de *marmore*.

„ Neste jardim, que se chama o *passo publico*, se dão espectaculos para divertimento do povo; *(Até o fim de Agosto de 1813 não se tem dado divertimento algum deste genero)* e o seu fim de promover a saude e prazer dos moradores está expresso em duas columnas de granites, em huma das quaes estão gravadas as palavras *a saude do Rio*; e na outra *a amor do publico.* „

Que o passeio tivesse por fim promover a saude do publico, he o que até ignoraria o seu fundador: mas são muito singulares os testemunhos; com que elle o apoia. Duas columnas! Nenhuma existe no passeio, sim duas pyramides! As inscripções estão muito bem entendidas. *A Saude do Rio!* He verdade que a palavra saude he bem difficil de traduzir na sua lingua: huns tomão a Franceza *regret*: Swift empregou a latina *desiderium*; e alguns adoptão a Portugueza. Porém nunca vi substituir-lhe o termo Saude. Ha inda outro erro que he o artigo a em vez da preposição á. De maneira que na sua lingua vem a dizer *The health of the Rio* em vez de *To the desiderium &c.* A outra he *ao amor do publico*, e não *a amor do publico*.

(Segue-se huma descripção da Coenhenha, copiada de M. Barrow, inteiramente opposta ao que tem observado pessoas de muita capacidade. O Dr. Jacinto José da Silva Quintão, offereceu a este Periodico huma Memoria a este respeito, que havemos de inserir no N.º seguinte, a qual he a mais plena refutação de quanto o A. diz neste lugar, e por tanto omittimos quanto elle refere por ouvir dizer.)

„ A população do Rio se calcula em 43 mil almas, das quaes 40 mil são pretos, incluindo os forros, e os 3 mil brancos. „

Ignoro os dados deste calculo; muitas vezes os tenho sollicitado, com inuteis tentativas. Porém

não creio que seja exacta a resenha do A. Dónde o soube? Se não forem sempre estereos os meus dezoito, eu mostrarei, segundo relações Officiaes, o erro enorme de Grant, que diz emphaticamente *calcula-se*. Os calculos de similiaes viajantes são especies de advinhação, propria dos charlatans.

Temos tocado levemente alguns lugares para amostra do credito, que merece este viajante: em outra occasião continuaremos a desmascarar as suas falsidades.

Noticia extractada do Courier de 27 de Maio.

NA sua passagem do Cabo de Boa Esperança, descobrio o Navio União hum escolho, e restinga, desconhecidos até agora, de huma consideravel extensão, e eminentemente perigosos para os Navios, que passão d'alli para as Mauricias, pois que fião no seu caminho direito; a relação com que polidamente fomos favorecidos, relata que o Navio União esteve em calma por tres horas em distancia de tres milhas de hum pequeno Rochedo, cujo comprimento se ajeizou ser de 12 braças, e sua elevação acima do nivel do mar de 16 braças, pouco mais ou menos, donde se estende huma restinga de quasi seis milhas. O tempo tinha sido muito favoravel, e por ter o Comandante da União hum bom Chronometro, julga-se que a posição desta restinga e escolho foi verificada com exactidão. A longitude concordava muito aproximadamente com huma recente observação lunar. Não podemos, he certo, garantir a exactidão de huma comunicação verbal, porém a latitude nota-se ser 35.^o (e poucos minutos) Sul, e a longitude de 43.^o, 20', a Este de Londres. Julga-se ser este

o baixo de que algumas Cartas Hollandezas fazem menção, debaixo do nome de Slot van Copal. Correio de Madraza, 14 de Outubro de 1812.

Obras publicadas nesta Corte no mez de Agosto.

Preleçoes Philosophicas sobre a theorica do Discurso e da Linguagem, a Esthetica, a Diccósyna, e a Cosmologia. Por Silvestre Pinheiro Ferreira.

O A., cujos talentos são tão justamente acreditados, dá primeiro a idéa geral da Obra, reduzindo a tres os objectos, da suas Preleçoes, a saber, a theorica do Discurso e Linguagem, o tratado das paixoes, e o systema do Mundo: no 1.^o expõem os principios da Logica, da Grammatica Geral e da Rhetorica: no 2.^o considera as paixoes ou como simples sensações, ou como actos moraes: da primeira consideração nascem a Esthetica, a Poesia, e as Bellas artes, e a segunda produz a Diccósyna: debaixo da denominação da Cosmologia, involve a Ontologia, e a nomenclatura das Sciencias mathematicas e physicas, e d'ahi deduz os principios da Theologia Natural.

Já dissemos no N.^o 4.^o deste Periodico o nosso sentimento acerca de hum plano tão acertado, e da esperança de hum completo desempenho, fundada nos grandes conhecimentos e rigorosa methodologia do Autor. Abstemo-nos por tanto de seus elogios, tanto mais porque apparecendo em muitos Numeros memorias deste profundo litterato, poder-se-ha recetar que a minha gratidão me torne superfluo.

Ephemerides Nauticas, ou Diario Astronomico para o anno de 1814, calculado para o Meridiano do Rio de Janeiro, por Ordem de S. A. R. o Principe Regente Nosso Senhor, por Joaquim Ignacio Moreira Dias, Coronel de Infantaria, Adido ao Estado-Maior do Exercito, com Exercicio ás Ordens do Paço.

Correspondencia.

O Redactor deste Periodico accusa por esta maneira a recepção de duas cartas remetidas pelo Correio de Minas Geraes com porte pago, e que parecendo ser escritas ha mezes chegaram á sua mão no dia 18 de Setembro, em razão de virem os sobrescritos em outro nome. Igualmente segura ao Litterato, que as escrevem, que nos Numeros seguintes verá inseridas as suas composicoens, sentindo que a demora mencionada tenha privado o publico da continuacão das suas produccoens. E para entreter a correspondencia, que elle dezeja, roga que no sobrescrito das cartas que lhe forem dirigidas se não ponha mais do que = Ao Redactor do Patriota.

Continuacão de Estado da atmosphera.

Agosto.

Dia.	Ther.	Bar.			Tempo.
		Grast.	Pol.	Mil.	
14	69	29	16	10	nebrina
15	75		15	16	trovada e chuva
16	78½		16	14	
17	71		17	10	denso e chuva
18	65½	30	0	2	muita chuva
19	64	29	18	24	
20	63		19	8	
21	63½		18	14	claro
22	63		17	36	
23	65		18	18	
24	68		17	44	
25	70		16	18	
26	67½		17	22	
27	70		16	2	
28	70		15	12	
29	71		15	14	chuva
30	76		15	0	claro
31	64		19	40	

Septembro.

1	64	30	1	24	chuva
2	64½		0	10	claro
3	67	29	18	34	
4	74	29	15	10	
5	69		14	8	chuva
6	70		16	40	claro
7	71		16	12	
8	71½		15	42	
9	74½		15	28	
10	76		24	18	

Dia.	Ther.	Bar.			Tempe
		Graos.	Pol.	Vint. Mil.	
11	74		14	30	
12	71		14	40	trovada
13	69		13	30	chuva
14	67		13	38	
15	65		12	20	claro
16	69		15	12	
17	70½		18	16	denso
18	70		19	4	chuva
19	71		16	34	claro

INDICE.

MINERALOGIA.

Fim da Memoria do Desembargador Joze Benifacio de Andrade, continuada do N.º antecedente pag. 21. pag. 3

NAVEGAÇÃO.

Reflexões sobre as derrotas de estima, e suas correções, continuadas de N.º 6. pag. 58. 9

HYDROGRAPHIA.

Reflexões sobre as viagens dos mais celebres navegadores, que tem feito o giro do mundo, e a necessidade de huma nova viagem do mesmo genero, &c. Por Joaquim Bento da Fonseca. Continuadas de N.º 2.º pag. 12. 16

AGRICULTURA.

*Meio empregado pelos Chins para a propagação das arvores fructíferas &c. publicado por B.**** 20

TOPOGRAFIA.

Breve Descripção Topografica e Statistica da Capitania do Espirito Santo. Por Francisco Manoel da Cunha. 24

ARTES.

Discurso do Doutor Duarte Ribeiro de Macedo, continuado do N.º 2.º pag. 41. 34
*Branqueação da Cera. Por B.**** 49

LITTERATURA.

- Canção no dia dos annos da Fidelissima RAINHA Nossa Senhora, em 17 de Dezembro de 1797.* 52
Ode no dia da inauguração da Estatua Equestre de El-Rey N. Senhor D. José I. 54
Eufrazia a Meleour Epistola. Traducção de Bocage. 58

Noticia das novas Povoações de S. Pedro de Alcantara, e S. Fernando, civilização da nação Macamecran; estrada para o Pará. 61

- Exame de algumas passagens de hum moderado Viajante ao Brazil, e refutação de seus erros mais grosseiros, por hum Brasileiro.* 68
Noticia extrahida do Correio de 27 de Maio. 78
Obras publicadas nesta Corte no mez de Agosto. 79
Correspondencia. 80
Continuação do Estado da atmosphera. 81

O PATRIOTA,
 JORNAL LITTERARIO,
 POLITICO, MERCANTIL, &c.

D O

RIO DE JANEIRO.

*Eu desta gloria só fico contente,
 Que a minha terra amei, e a minha gente.*
 Ferreira.

SEGUNDA SUBSCRIPÇÃO.

N. 4.º

O U T U B R O .

Reservado da	Secção
Biblioteca Nacional	

RIO DE JANEIRO.
 NA IMPRESSÃO REGIA.

1 8 1 3.

Com Licença.

Vende-se na Loja de Paulo Martin, filho, na rua da Quitanda, n.º 34. por 800 reis. Na mesma se subscreve a 4000 reis por semestres.